



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
ISCED-HUÍLA/MATALA**

**ACÇÕES DO MWENE (REI) TYIHWAKU, NA LUTA DE RESISTÊNCIA  
ANTI-COLONIAL (1886/1889). UM ESTUDO REALIZADO NO  
MUNICÍPIO DE CUVANGO.**

**Autor: Paulo Suco**

**Lubango/2022**



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
ISCED-HUÍLA/MATALA**

**ACÇÕES DO MWENE (REI) TYIHWAKU, NA LUTA DE RESISTÊNCIA  
ANTI-COLONIAL (1886/1889). UM ESTUDO REALIZADO NO  
MUNICÍPIO DE CUVANGO.**

Trabalho apresentado para obtenção do grau  
de licenciatura no Ensino de História.

**Autor: Paulo Suco**

**Orientador: Msc. Mário Ilda Simão**

**Lubango: 2022**



# INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ISCED-HUÍLA/MATALA

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Tendo a consciência que a cópia ou o plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como a reprovação ou a retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu **Paulo Suco**, estudante finalista do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED-Huila), do curso de ENSINO DA HISTÓRIA, do Departamento de Ciências Sociais, declaro por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, aos 10 de Outubro de 2022.

**O Autor**

---

Paulo Suco

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho dedico aos meus pais:

Senhor, António Lucas e dona, Albertina Kambundo

À minha amada esposa: dona Maria Marica Sambo

Aos meus quatro filhos: Albertina Kambundo Sambo Suco, Lucas Línguila Sambo Suco, Judith Preciosa Sambo Suco e Débora Vumbi Sambo Suco

À minha irmã Fátima Lucas e aos meus familiares em geral que directa ou indirectamente me auxiliaram até este momento.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeira instância à Deus Todo-Poderoso por me conceder vida, saúde e protecção que me permite existir até ao momento presente; aos meus pais senhor António Lucas e dona Albertina Kambundo que desde tenra idade me tiveram como um ser especial em suas vidas. Ao senhor Elindo Mendes Jaime que sempre usou a sua boca para me aconselhar e encorajar-me quando eu não tinha mais vontade nem esperança para continuar com a formação. Ao senhor Inácio Avelino Kassanga por disponibilizar os seus meios informáticos os quais, utilizei até a conclusão do nosso trabalho; também o agradeço porque nunca se calou para me aconselhar quando os momentos imperiosos me assolavam.

Ao meu orientador Dr. Mário Ilda Simão, que incansavelmente com muito gosto esteve sempre disponível para me ensinar a fazer o trabalho científico; a todos os professores em geral que não pouparam o seu esforço e deram tudo de si para tornarem um académico em ensino de História. À Coordenação das salas anexas do ISCED-Huíla no Município da Matala onde duraram os quatro anos da minha formação.

À população em geral do Município do Cuvango que se disponibilizaram sempre que fosse possível para me concederem informações necessárias para o desenvolvimento do trabalho até ao momento da sua conclusão.

## **SIGLAS**

CLIP – Comissão de luta contra o Imperialismo português

PIDE – Polícia de intervenção e defesa do Estado

FUA – Frente para a Unidade de Angola

## RESUMO

Neste trabalho de pesquisa, a abordagem esteve em volta do seguinte tema: Acções do mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anti-colonial (1886/1889). Um estudo realizado no Município de Cuvango. Tyihwaku foi da linhagem de Sobas do município do Cuvango, província da Huíla; sucedeu sua mãe do bairro Utombe e que posteriormente instalou-se noutra região onde é actualmente sede municipal do Cuvango, encontra-se uma figueira extensa plantada por ele e um monumento histórico em homenagem do Sacerdote Ernesto Lecomte. A conquista e ocupação efectiva do território do Cuvango não foi fácil, porque contaram sempre com resistência por parte dos naturais, que procuraram a todo o custo impedir a presença colonial na sua região. E como consequência, várias batalhas foram travadas contra os invasores europeus. A região perdeu muitos dos seus melhores filhos impiedosamente mortos e deportados pelos ocupantes estrangeiros. O trabalho está constituído por dois capítulos: o primeiro retracta sobre a caracterização, divisão político-administrativa, rede hidrográfica, extensão territorial e a origem da população do Município do Cuvango e o segundo capítulo faz menção a repressão colonial na região do Cuvango, as causas e consequências das guerras travadas pelos autóctones diante dos colonizadores europeus. Diante da temática traçamos como objectivo geral: compreender as razões que estavam na base da luta de resistência anticolonial no Município de Cuvango; para tal, tivemos quatro objectivos específicos: 1º-Descrever as causas do conflito contra o colonialismo português no Município de Cuvango; 2º-Explicar o impacto da guerra nas vertentes socioeconómico e político na população do Cuvango e finalmente o 3º-Analisar o resultado final do conflito entre o exército colonial e as forças locais.

Os métodos utilizados foram: histórico, comparativo, Indutivo, dedutivo e pesquisa bibliográfica. Neste trabalho também ainda utilizamos algumas técnicas que nos auxiliaram bastante na recolha de dados para a pesquisa científica como as seguintes: o inquérito por entrevista e a Pesquisa bibliográfica.

Em seguida, atingimos a fase da conclusão do trabalho, avançamos mais para sugestões e finalmente terminamos com o ponto de anexos.

**Palavras-chaves:** Acções, Rei, Luta e Resistência.

## **ABSTRACT**

In this research work, the approach was around the following theme: Actions of the mwene (king) Tyihwaku, in the anti-colonial resistance struggle (1886/1889). A case study in the Municipality of Cuvango. Tyihwaku was of the lineage of Sobas from Cuvango municipality, Huíla province; succeeded his mother in the Utombe neighborhood and who later moved to another region where the current municipal seat of Cuvango is located, there is an extensive fig tree planted by him and a historic monument in honor of Priest Ernesto Lecomte. The conquest and effective occupation of the territory of Cuvango was not easy, because they always had resistance from the natives, who tried at all costs to prevent the colonial presence in their region. And as a consequence, several battles were fought against the European invaders. The region lost many of its best sons mercilessly killed and deported by foreign occupiers. The work consists of two chapters: the first deals with the characterization, political-administrative division, hydrographic network, territorial extension and the origin of the population of the Municipality of Cuvango and the second chapter mentions the colonial repression in the Cuvango region, the causes and consequences of the wars fought by the natives against the European colonizers. In view of the theme, we set out as a general objective: to understand the reasons that were at the base of the anti-colonial resistance struggle in the Municipality of Cuvango; to this end, we had four specific objectives: 1st-To describe the causes of the conflict against Portuguese colonialism in the Municipality of Cuvango; 2nd-Explain the impact of the war on the socio-economic and political aspects on the population of Cuvango and finally the 3th-Analyze the final result of the conflict between the colonial army and the local forces.

The methods used were: historical, comparative, inductive, deductive and bibliographic research. In this work we also still use some techniques that helped us a lot in collecting data for scientific research, such as the following: the interview survey and the bibliographic research.

Then we hit the work completion phase, move further into suggestions, and finally finish with the attachment point.

**Keywords:** Actions, King, Fight, Resistance.

## ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA.....	iii
DEDICATÓRIA.....	iv
AGRADECIMENTOS.....	v
SIGLAS.....	vi
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
INTRODUÇÃO.....	1
MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA DO TEMA.....	3
IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA.....	4
OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO.....	4
IMPORTÂNCIA DA PESQUISA.....	4
CAMPO DE ACÇÃO E OBJECTO DA INVESTIGAÇÃO.....	5
TAREFAS DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.....	5
TIPO DE INVESTIGAÇÃO.....	6
MÉTODOS .....	6
TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO.....	7
POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	8
DEFINIÇÃO DE TERMOS CHAVE .....	8
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, RECURSOS NATURAIS, CLIMA E DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO CUVANGO.....	10
ORIGEM DO POVO OVANGANGELA.....	11
ACTIVIDADE ECONÓMICA.....	14
A AGRICULTURA.....	15
CRIAÇÃO DE GADO .....	16
A CAÇA.....	17
A PESCA .....	18
CULTURA DO POVO GANGUELA.....	19
RELIGIÃO.....	19
RITUAIS.....	21
MORAL E ÉTICA DO NGANGUELA.....	23
CAPÍTULO II: A RESISTÊNCIA ANTICOLONIAL NO REINO DE KATOKO.....	26
O REINO DE KATOKO .....	27
A GENEALOGIA DE TYIHWAKU.....	33
CHEGADA DOS PORTUGUESES NO CUVANGO.....	34
CONFLITOS ARMADOS ENTRE OS PORTUGUESES E OS AUTÓCTONES.....	36
CONTRADIÇÕES ENTRE TYIHWAKU E PE. ERNEST LECOMTE.....	36
AS BATALHAS DE RESISTÊNCIA DE TYIHWAKU CONTRA AS TROPAS COLONIAS PORTUGUESAS NO CUVANGO .....	38
CAUSAS DA DERROTA DE TYIHWAKU.....	41

A FUGA E CAPTURA DO MWENE TYIHWAKU.....	42
AS CONSEQUENCIAS DA DERROTA .....	45
CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	47
CONCLUSÕES.....	48
SUGESTÕES.....	49
BIBLIOGRAFIA.....	50
ANEXOS.....	52

## **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

As guerras de resistência foram se fortalecendo, propiciando maior contacto dos nacionalistas autóctones com as teorias políticas e republicanas surgidas na Europa.

Mais de uma década de guerra de resistência armada, surge a tão almejada liberdade, um sentimento que apesar de ambíguo, representou pelo menos simbolicamente a Victória do povo angolano ante as forças coloniais portuguesas imperialistas.

O nosso trabalho cinge – se no seguinte tema: Acções do mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anti – colonial (1886 – 1889). Um estudo realizado no município do Cuvango.

Tyihwaku, foi da linhagem de Sobas do município do Cuvango, província da Huíla; sucedeu sua mãe do bairro Utombe e que posteriormente instalou-se noutra região onde é actualmente sede municipal do Cuvango, encontra-se uma figueira extensa plantada por ele e um monumento histórico em homenagem do Sacerdote Ernesto Lecomte.

Foi quem recebeu os Portugueses nesta região, grupo chefiado pelo Comandante Capitão Artur de Paiva. O Padre foi padrinho de baptismo e de casamento do rei, facto que assegurou consideravelmente a amizade dos dois; posteriormente esta amizade transformou-se em inimizade pelo facto do sacerdote ser também político ao serviço do governo colonial português. Era ele quem içava a bandeira portuguesa todas as manhãs, isso enfureceu muito o soberano e foi suficiente para mandar enforcar o Sacerdote pendurando – o na figueira do pátio do rei. Mas o Padre não morreu tudo porque, este fez lembrar ao rei que ele como seu padrinho seria infidelidade demais se o matasse e aproveitou para prometer que dar-lhe-ia alguns tributos caso o liberasse; foi assim que o Padre escapou da morte. No entanto, esta actitude do Soberano não impediu as guerras sangrentas entre os autóctones e portugueses. Inácio Kambinda, professor, entrevistado no dia 10 de Maio de 2021, pelas 15 horas, no Cuvango.

No confronto entre as duas autoridades as primeiras victórias recaíram ao lado do exército do soberano, mas infelizmente por escassez de materiais bélicos na última batalha o exército local foi vencido onde o rei foi decapitado em 1889.

Muito se diz acerca da morte do soberano; Alguns alegam que foi morto a tiro, outros dizem que foi deportado e atirado no mar na região de Cabo Verde e outros dizem que foi enforcado. Não foi fácil capturá-lo devido a magia negra que o mesmo detinha, foi necessário coagir os sobas da região para que os portugueses tivessem sucesso, é o que é reportado na história local. Inácio Kambinda, professor, entrevistado no dia 10 de Maio de 2021, pelas 15 horas, no Cuvango.

O trabalho é constituído por dois capítulos, sendo que o primeiro refere – se da fundamentação teórica que serve de suporte científico e teórico para o tratamento da parte fundamental do trabalho que pode ser percebido no segundo capítulo ligado a questão de acções do mwene Tyihwaku na luta de resistência anti – colonial no município do Cuvango, finalmente fechamos o trabalho com as conclusões e sugestões que resultam da pesquisa realizada.

### **0.1 Motivação da escolha do tema**

Existem inúmeras razões da escolha deste tema: **Acções do Mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anticolonial (1886/1889).**

Segundo Filipe Zau (2008, p. 135), no período pré-colonial e no espaço geográfico correspondente à República de Angola, existiam autênticas nações com realidades políticas, económicas e socioculturais muito próprias.

Assim, movimentos de resistência podem incluir qualquer milícia ou guerrilha armada que luta contra uma autoridade, governo ou administração estabelecida ou imposta.

Com este tema, deseja-se que a comunidade de Cuvango e não só, tenha noção sobre o contributo do rei em destaque, posteriormente também os académicos sobre tudo na especialidade de História, uma vez que, esta é uma matéria valiosa para a história local e também para a história de Angola.

A nossa História precisa ser rebuscada; exige de todos nós muitas buscas, para tal, precisamos de indagar os vários assuntos sobre as lutas de resistência anticolonial em diversas partes do país. Nisto, temos como referência a figura do rei Tyihwaku.

## **0.2 Identificação do problema**

Nesta pesquisa elaboramos como pergunta de partida a seguinte:

- Quais foram as acções do Mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anticolonial no período de 1886 à 1889.

## **0.3 Objectivos da investigação**

O objectivo, permite precisar o fim da investigação (Ramos e Narranjo, 2014, P.84).

### **0.3.1 Objectivo geral**

Diante desta abordagem, propomos como objectivo geral: compreender as razões que estavam na base da luta de resistência anticolonial no Município de Cuvango.

### **0.3.2 Objectivos específicos**

- Descrever as causas do conflito contra o colonialismo português no Município de Cuvango;
- Explicar o impacto da guerra nas vertentes socioeconómico e político na população do Cuvango;
- Analisar o resultado final do conflito entre o exército colonial e as forças locais.

## **0.4 Importância da pesquisa**

Este trabalho é relevante sob três domínios, teórico, prático e pedagógico.

**0.4.1 No domínio teórico:** A ocupação dos territórios, a delimitação das fronteiras não foi feita de modo pacífico. Pelo contrário, foi principalmente por meio de força bélica se conseguiu impor e consolidar bases nas regiões invadidas. A relevância teórica do problema traçado, será constituída uma referência bibliográfica de

consulta que aborde de forma detalhada, descritiva e aspectos concernentes ao tema, de forma a facilitar os futuros trabalhos relacionados ao problema.

Os autóctones sempre resistiram à ocupação. Este ponto, visa sistematizar informação ligada de modo geral a luta de resistência anti – colonial para que se evitasse a ocupação colonial e em particular a localidade do Cuvango.

#### **0.4.2 No domínio prático**

Produzir – se um material que poderá estar disponível para estudo e consulta dos estudantes do curso de História e não só. Fornecer uma metodologia que seja capaz a identificação de erros, prevê-los e ultrapassá-los, de modo a criar um raciocínio histórico com vista a compreender as causas da resistência anticolonial.

#### **0.4.3 No domínio pedagógico**

Permitirá a sistematização de conteúdos a respeito do problema, dentro dos currículos escolares.

### **0.5 Campo de acção**

Esta pesquisa recai sobre o Município de Cuvango, uma vez que é a localidade onde aconteceu o combate já anteriormente referenciado; tudo para impedir a ocupação da localidade do Cuvango pelos invasores europeus portugueses pois que era já o momento de dizer basta à submissão colonialista.

### **0.6 Objecto da investigação**

O presente estudo tem como objecto de investigação: acções do Mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anti-colonial (1886/1889).

### **0.7 Tarefas da investigação científica**

- Fundamentação dos referentes teóricos e metodológicos que sustentam as acções do Mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anticolonial (1886/1889);

- Diagnóstico do estado actual da elaboração das acções do Mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anticolonial (1886/1889);
- Proposta da elaboração de um modelo para a compreensão das acções do Mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anticolonial (1886/1889);
- Validação da proposta da elaboração de um currículo de estudo que ajude a compreender as acções do Mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anticolonial (1886/1889).

## **0.8 Tipo de investigação**

A presente investigação é de natureza descritiva, e narrativa.

## **0.9 Métodos**

A palavra método é de origem grega meta+hodos que significa caminho para atingir um determinado fim, isto é, conduzir o pensamento com vista a alcançar um objectivo preconizado.

O método da investigação científica, é o modo de abordar a realidade de estudar os fenómenos da natureza, a sociedade e o pensamento com o propósito de descobrir a sua essência e as suas relações; é a estrutura do processo de Investigação Científica para enriquecer a ciência (Ramos e Narranjo; 2014, P.14).

**0.9.1 Método histórico**, segundo Prodanov e Freitas citados por Caita e Chiziane (2020, P. 05), é o processo de investigação de acontecimentos do passado, para verificar sua influência na sociedade de hoje; considera que é fundamental estudar suas raízes visando à compreensão de sua natureza e função. Utilizamos este método para indagarmos os acontecimentos do passado através da pesquisa científica.

Segundo Ramos e Narranjo, o método histórico (tendencial) está ligado ao conhecimento das diferentes fases dos objectos na sua sucessão cronológica; para conhecer a evolução e desenvolvimento do objecto ou fenómeno de investigação torna – se necessário revelar a sua história, as fases principais do seu desenvolvimento e as ligações históricas fundamentais. O método histórico

caracteriza o objecto nos seus aspectos mais exteriores, mais fenomenológicos (2014, P.109 e 110).

**0.9.2 Método comparativo**, empregado por Tylor. Considerando que o estudo das semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano, este método realiza comparações com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento (Lakatos, 1981 P.32).

**0.9.3 Método Indutivo**, para Ramos Narranjo, é o raciocínio que passa dos factos singulares obtidos por via experimental às generalizações. E o **método dedutivo**, é um procedimento que se apoia nas asserções generalizadoras a partir das quais se realizam demonstrações ou inferências particulares. As inferências dedutivas constituem uma cadeia de enunciados, cada uma das quais é uma premissa ou conclusão que se segue directamente segundo as leis da lógica formal (2014, P. 108).

**0.9.4 Método de pesquisa bibliográfica**: «este método permite utilizar o material já publicado, constituído principalmente de livros e aquele disponível na internet» (Silva & Menezes, 2005); citados por Carlos Afonso, (2021, P.5).

## **0.10 Técnicas de investigação**

Neste trabalho também utilizamos algumas técnicas que nos auxiliaram bastante na recolha de dados para a pesquisa científica como as seguintes:

**0.10.1 O inquérito por entrevista**, é uma técnica de compilação de informação mediante uma conversa profissional com que, além disso, se adquire informação acerca do que se investiga. Tem importância do ponto de vista educativo. Os resultados a obter na missão dependem em grande medida do nível de comunicação entre o investigador e os participantes na entrevista.

**0.10.2 Pesquisa bibliográfica**, segundo Alves Maria, é quando um investigador desenvolve a sua investigação a partir de estudos já efectuados por outros investigadores (2012, P.38).

## **0.11 População e amostra**

População: são todos os elementos distintos, observados no fenómeno de interesse, que possuem características comuns. Para esta investigação contaremos com uma população constituída pela população do Cuvango.

Amostra: é um subconjunto de elementos da população em estudo.

A amostra é uma parte representativa substancial da população. Após um estudo pormenorizado será constituída por 10 indivíduos do Cuvango.

## **0.12 Definição de termos chave**

**012.1 Acções** – “tudo que se faz ou pode fazer. Força, influência, movimento, actividade” (Camacho e Tavares, 2014 Pg. 14);

Em nossa opinião, acções são feitas exercidas por uma ou mais pessoas com vista a alcançar determinado fim.

**012.2 Rei** – “monarca ou soberano de uma determinada região ou Nação” (Camacho e Tavares, 2014 Pg. 14);

Em nosso entender, o rei é uma determinada individualidade que representa a autoridade do poder tradicional numa dada circunscrição considerada como reino.

**012.3 Luta** – “combate, com ou sem armas, entre pessoas ou grupos” (Dicionário da Língua Portuguesa, 2013 P. 997).

Pensamos nós que a luta, é uma disputa que não está circunscrita a briga entre grupos de indivíduos adversários mas também, a uma determinada pessoa contra outra.

**012.4 Resistência** – “força com que alguém reage contra a acção de outro; defesa”. (Fernandes, 2000 P.142).

Em nosso entender, a resistência surge quando determinada colectividade insatisfeita com o regime político de seu país introduzido por um grupo invasor, trava uma luta contra o mesmo com o propósito de proteger-se.

## **CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## **CAPÍTULO I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1- LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, RECURSOS NATURAIS, CLIMA E DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO CUVANGO**

#### **1.1-1. – Localização Geográfica, Recursos Naturais e Clima**

O Cuvango é um dos 14 municípios da província da Huíla e localiza – se a leste; dista da cidade do Lubango, capital da província da Huíla cerca de **317** km, tem uma extensão territorial de **9.680** km<sup>2</sup> e possui uma população estimada em mais de **91.405** habitantes. O solo é arenoso, argiloso e ferra lítico, possuindo condições favoráveis para produção do milho, feijão, gergelim, massango, massambala, mandioca, trigo, arroz, girassol, batata-doce e rena. Também pratica-se apicultura, aquicultura. Provavelmente o subsolo é rico em minerais e com realce para o diamante, ouro, quartzo, ferro, manganês e outros, faltando confirmar os resultados do programa planegeo. O município é atravessado pela EN **280** e pelo caminho-de-ferro de Moçâmedes que liga a província da Huíla ao Cuando Cubango, passando pelos municípios do Quipungo, Matala e Cuchi, facto que o torna via de comunicação da cidade do Lubango à cidade de Menongue. A bacia hidrográfica é constituída por dois rios o Cubango e o Cutato e seus afluentes, que serpenteiam o Município do Norte a Sul. Ambos são ricos em fauna com realce para o peixe Tigre, coabitando com mamíferos como Jacarés, Hipopótamos, Lontras e flora invulgares. As populações ribeirinhas praticam a pesca artesanal para a sua alimentação e o excedente comercializam para potencializar a sua balança económica. O clima é tropical temperado, variavelmente húmido e seco, ocupando épocas chuvosas e quentes entre os meses de Outubro a Abril e cacimbo de Junho a Setembro. A temperatura ronda entre os 2 a 32,8 °C, apresentando-se em média de 19,5°C, com humidade relativa que oscila entre os 40% e 60%. (Arquivos da Direcção Municipal dos registos e modernização administrativa da Administração Municipal do Cuvango, 2021).

#### **1.1.2 – Divisão Administrativa do Cuvango**

O Município do Cuvango é limitado a Norte pelos municípios de Catchiungo e Tchicala Tcholoanga (província do Huambo), a Este pelos municípios do Chitembo (província do Bié) e Cuchi (Quando Cubango), a Sul pelo município de Cuvelai (Cunene) e a Oeste pelos municípios de Jamba e Chipindo. Está constituído por três

comunas, sendo a **Sede, Galangue e Vicungo.**, de acordo ao censo geral da população de 2014, o município é composto maioritariamente pelo grupo etnolinguístico Ovanganguela, com presença igualmente dos Ovimbundu, Tuchokwe, Ovanhyaneca, para além da comunidade não Bantu, os Khoisan. (Arquivos da Direcção Municipal dos registos e modernização administrativa da Administração Municipal do Cuvango, 2021).

## **1.2 - Origem do povo ovanganguela**

A história deste povo, um dos subgrupos bantu de Angola, não se reduz à simples narração de acontecimentos e factos ligados as suas origens etnolinguísticas, a mesma abarca também um conjunto de experiências, factos reais e actuais, sonhos, vivências e acima de tudo uma identidade peculiar como povo.

Para o historiador Pelissier (2009), Angola é uma sociedade plural, composta por vários grupos étnicos, antes da chegada dos portugueses, o grupo racial negróide invadiu e denominou os primeiros invasores do grupo bosquímanos, para tal a maior parte dos povos que compõe o território que hoje é Angola são falantes da língua bantu, apesar da diversidade étnica e de variação de tipo físico presentes nos vários grupos de língua bantu estes encontram-se interligados quer em termos culturais quer em termos raciais.

Para se perscrutar o passado histórico dos povos Ovanganguela, segundo Kassanga (2015), a Tradição Oral (T.O) é, pois, a principal fonte disponível para se poder chegar às raízes destes povos embora com o tempo, talvez se consigam descobrir alguns dados arqueológicos que possam contribuir para um melhor conhecimento deste grupo uma vez que os Ganguela são um vasto povo com uma rica ramificação na língua, constituído por vários grupos dos quais salientam-se: Mbunda, Mbwela, Lwimbi, Nyemba, Ngondjelo, Luchaze e os Ganguela do Mpenگو e Katoko (Kuchi e no Cuvango).

Ainda Kassanga (2015), o povo Ovanganguela, possui uma vasta variedade cultural a luz da tradição oral, o autor salienta ainda que existe uma ramificação linguista que sustenta os vários subgrupos que fazem parte deste grupo desde os Mbunda até aos da linhagem do rei Katoko que se instalou no actual município do Cuvango.

Segundo Redinha (1975), o grupo Ovanganguela tem uma das civilizações que na idade do ferro se instalou nos grandes lagos, na região do Tanganica, saindo do centro da África devido as condições nefastas que se lhes ofereciam; para o autor este povo é conhecido nos grandes lagos como Kalombo, porque de antemão na idade do ferro já eram bem desenvolvidos.

A ideia acima exposta é corroborada por Kassanga (2015), ao salientar:

“à semelhança de outros povos de etnia Bantu, o povo ganguela, historicamente é proveniente da região dos grandes lagos, esta deslocação realizada em diferentes regiões do continente africano, em geral na actual República de Angola teve como objectivo fundamental a procura de melhores condições de vida e de recursos naturais favoráveis à sustentabilidade da sua economia tradicional: agricultura, criação de gado, pesca, caça” (p. 17).

Em forma de reforçar a sua ideia o autor, Kassanga (2015), diz-nos que a exemplo de outros povos de origem Bantu, os Ovanganguela também provenientes da região dos grandes lagos, na procura de melhores condições de vida, realizaram várias expedições até chegar no Centro e Sul de Angola, praticando desta forma uma economia rudimentar.

Para Esterman (1962), o povo Ovanganguela sempre na procura de melhores condições de vida direccionou os seus passos para o Oeste de África, passando a Norte da Zâmbia, e entrando em Angola no século XVII, não se sabe ao certo quem chefiou a caravana, a rota de migração a pós a travessia do kuando, instalaram-se entre kembo e Kuando. A caravana Ovanganguela não teve o mesmo destino, por isso é que se verifica a instalação de grupos Ovanganguela em vários locais quer no interior de Angola ou no exterior.

Ainda Esterman (1962), advoga que este povo chegou em Angola no XVII, instalando-se em vários pontos atravessando o rio Kuando conseguiram ocupar algumas terras para o pasto e para a prática da agricultura.

“(…) o povo Ovanganguela durante o período das migrações já fabricavam instrumentos de ferro que grandemente contribuíram para execução de vários instrumentos de trabalho. A tecnologia da fundição do ferro já era do seu domínio, esta tecnologia metalúrgica os ganguela conseguiram romper todos

os obstáculos encontrados durante o longo percurso, esta lenta marcha migratória do povo realizou-se em varias direcções, na procura de melhores condições de terra para sua instalação” (Kassanga, 2015, p. 20).

Continuando no mesmo diapasão o autor salienta que, no processo da expansão Bantu, o povo Ovanganguela já utilizava instrumentos metalúrgicos e pouco a pouco foram fabricando alguns instrumentos de trabalho, que lhes permitiu trabalhar a terra e se proteger de animais ferozes, sempre com objectivo de procurar melhores condições de vida.

Com a implementação das forças produtivas e com as constantes inovações nos diversos sectores tecnológicos, foi possível que este povo se organizasse em reinos, tal como aconteceu com outros povos que hoje habitam Angola. Para Kassanga (2015, P. 18).

Em relação a criação de instituições Político-administrativas, Kassanga (2015), aflora que alguns Ovanganguela avançaram para o centro de Angola, mas o planalto do Bié, já estava ocupado por Ovimbundu, os Ovanganguela desceram e ocuparam todo sudeste de Angola entre os rios Kuando e Kubango. Em todo Sudeste de Angola o povo Ovanganguela começou a formar reinos, dos quais alguns se tornaram particularmente importantes tais como: no Leste o reino Mbwelas; no Centro o reino Vunongue e, a Oeste os reinos de Mpenge e de Katoko.

Estes reinos não tinham subordinação única como acontece com outras populações, mantinham laços comerciais com outros povos e trocavam produtos de extracção do ferro, cera, marfim e borracha. No decorrer da expansão ganguela houve alguns conflitos com outros povos tais como os Ovimbundu, que faziam guerra para adquirir escravos para trocas comerciais com os portugueses, e, de igual modo, com os Tuchokue para se apoderarem das ricas terras de caça, e também com os Kwanyama por causa do utensílios metálicos e de gado. Para Kassanga (2015).

Com a chegada dos portugueses, alguns desses reinos começaram a ser influenciados tais como: o reino do Katoko 1886, tendo-se construído o forte Cuvango para os portugueses realizarem ofensivas contra os estados do planalto<sup>1</sup>.

Segundo Paulo dos Santos (entrevistado no dia 05 de Janeiro de 2022 pelas 16 horas no Cuvango), antes dos europeus colonizadores, Cuvango tinha o nome de Reino dos Ovanganguela, com a chegada desses na pessoa do padre Ernest Lecomte instalou a primeira Missão Católica no alto Utombe, a leste da sede municipal, com os conflitos que tiveram entre ele e os autóctones, sentiu-se forçado a deslocar-se a Noroeste onde se fixou.

E para manter a relação com os fiéis na sede, foi necessário construir-se a ponte sobre o rio Cubango que facilitava a travessia; desde ali passou a denominar-se de Vila da Ponte. Como em geral os nomes de certas vilas era para homenagear os heróis e naquela época colonial homenageava-se os comandantes que chefiavam militares europeus e, para a vila de ponte foi Artur de Paiva então, automaticamente passou a chamar-se Vila Artur de Paiva. Após a independência, os angolanos entenderam não continuarem com a designação imposta pelos portugueses (Artur de Paiva) uma vez que se estava a vivenciar uma nova era. Assim, alguns queriam que a vila passa-se a ser denominada por Vila do Tyihwaku por ser o único que chefiou as forças locais para combater a opressão colonial, mas outros não concordaram e acordou-se que o município passa-se a denominar-se Cuvango um topónimo que homenageia o rio kubango, um rio local de reconhecido valor económico para as populações.

No entanto, para Inácio, (entrevistado no dia 10 de Abril 2022 pelas 10 horas no Cuvango) a problemática ainda existe e alguns naturais deste município estão a envidar esforço de maneira que o município passe a chamar-se de Tyihwaku.

### **1.3 – Actividade económica**

A maioria da população dedica – se a actividade agro – pecuária de subsistência, existindo entre ela camponeses associados, pequenos empresários agro – pecuários, funcionários públicos, privados e comerciantes. A base da economia do povo ganguela é a lavra, toda vida económica parte da iniciativa do homem ao formar uma família por meio do matrimónio tradicional, desde muito cedo o homem prepara a lavra que ajudará no sustento da mulher (Estermann, 1960).

#### **1.3.1- A AGRICULTURA**

Segundo Estermann (1960), a prática da agricultura está intimamente ligada a dependência das quedas pluviométricas. É da inteira responsabilidade das mulheres o cultivo da terra com ajuda dos homens com auxílio de um instrumento rudimentar. Culturalmente são mais chegados às tradições dos povos da bacia do rio Zambeze. Embora oriundos das antigas populações de caçadores, dedicam-se principalmente á agricultura na sua área oriental.

Na sua parte ocidental, por influência dos criadores do gado bovino do sudoeste, dedicam-se muito à pecuária. Das suas actividades económicas constam, para além da agricultura e da criação do gado, também a pesca lacustre e a apicultura Estermann (1960).

Na vida do povo Ovanganguela, a agricultura ocupa o lugar cimeiro entre todas as demais actividades, todo povo ganguela tem agricultura como tarefa fundamental, por isso, cada lar ou pessoa, na idade activa tem a sua lavra onde tira os produtos para garantir a sua sobrevivência. Estermann (1960).

Carvalho (1997),alega que, a actividade agrícola sempre mais ligada a subsistência, e quando há excedentes, são feitas transacções comerciais internas na região, na época da seca dificilmente existe excedente de produção, a irregularidade da distribuição das chuvas continua a ser o principal constrangimento a produção agrícola, uma vez que se reflecte na irregularidade das colheitas dos cereais não só de consumo alimentar básico como o milho, massango, pepino, mandioca, abóbora, batata-doce, rabanete, feijão-frade, mutete, mussongo e de diversos tubérculos como consequência deste factor que se tem agravado nos últimos anos, as

populações comercializam o gado em gesto permuta para garantirem a sua sobrevivência.

Para Bastirdes (1968), as lavras são propriedade comum do marido e da esposa, são trabalhadas pelos dois e os produtos são propriedades do casal, normalmente cada casal tem uma lavoura familiar, a lavoura é tão importante porque dela se tiram os produtos que constituem a base da alimentação e da economia, normalmente, a lavoura está afastada da aldeia. Por isso, para melhor aproveitarem o tempo na altura da lavoura, as pessoas passam muitas vezes a viver nas lavras, como se não bastasse toda pessoa que tem problemas de convivência social encontra na aldeia um lugar de refúgio para superar estes males, na altura da colheita o casal junto dos filhos trabalham em sintonia e após a colheita, o produto é transportado para aldeia e arrecadado em celeiro ou tulhas onde se retira aos poucos o que é preciso para o consumo da casa sendo o excedente comercializado para aquisição de vestuário, produtos industriais e animais para criação.

### **1.3.2- CRIAÇÃO DE GADO**

De acordo com Esterman (1962), o gado mais frequente é o bovino, o caprino e o suíno. A ave doméstica mais frequente é a galinha, as pombas, os patos e os perus são raros. Normalmente se os animais forem comprados com o produto fruto do trabalho do casal, este animal pertence ao casal, caso contrário se for comprado com os produtos da lavoura do marido este animal é exclusivo do marido, para o ganguela, na compra de um animal é preciso dar a conhecer o facto aos familiares mais próximos para que, no caso de um falecer, eles terem o poder de decisão sobre aquela propriedade.

Em geral o povo ganguela utiliza os animais para pagar questões de litígio ou para emprestar a qualquer membro da comunidade que por circunstância da vida venha a precisar, de igual modo estes animais são necessários para festas familiares, os animais de tracção são utilizados para trabalhar a terra, as fêmeas servem para dar leite do qual fazem manteiga e os precisos temperos para as comidas (Idem).

Segundo Bastide (1968), na aldeia normalmente existe sempre alguém que inicia a criação de bois e faz o seu curral, com o avanço do tempo outros que conseguem

uma cabeça pedem ao dono do curral para se associarem a ele, quando o gado começa a se multiplicar escolhem um outro local dentro da aldeia com mais espaço e fazem um curral alargado, cercado-o com paus fortes até com ferros para se proteger dos ataques de outros animais.

Para o autor, nas aldeias sempre existe um mais velho com princípios de criação de gado, monta o seu curral e posteriormente os outros membros da aldeia seguem os mesmos passos, pondo os seus animais no curral do mais velho a fim de se garantir o processo da procriação até que se crie melhores condições de acomodação do gado visita.

### **1.3.3- A CAÇA**

Segundo Carvalho (1997), a norma geral é que todo o homem pode caçar e abater todo animal que encontrar, todo homem anda munido de instrumento de defesa pessoal e de caça como flechas, lanças, espadas, porrinhos, machados e facas. Todo homem anda com estes instrumentos quando vai a mata, pois a mata está entregue a vários animais selvagens e, muitas vezes, ferozes, como o leão, a onça e a cobra. Na aldeia existe também os caçadores profissionais que criam animais de caça pegos com ajuda do cão, apanham alguns animais tais como palancas, gungas, mpulus, ntyolongos, ntava, cabras da mata e coelhos. Estes caçadores em alguns casos usam arma de fogo como é o caso dos kanyangulu adquiridas em troca de bois e outros artigos.

O tempo de caça depende daquilo que os caçadores utilizam para os caçadores que utilizam cães o tempo adequado é o seco, para os que utilizam arma de fogo, qualquer tempo é propício porque são eles que procuram os animais. Para os Ganguelas existe a caça particular, a caça comunitária e a caça para rituais. (O Mundo cultural dos Ovangangela).

Na caça particular o caçador vai a mata em qualquer tempo, hora ou dia para abater os animais, e vai por livre vontade, faz uma caça conforme o tamanho e a quantidade de animais que abate. A caça comunitária realiza-se quando há falta de acompanhante na aldeia e, principalmente quando se prepara uma festa na qual a aldeia irá acolher pessoas de outras aldeias, neste tipo de caça os caçadores são

voluntários, caracteriza-se pelo facto dos caçadores irem em coluna um por um. Ao passo que a caça para rituais faz parte do cerimonial de um culto religioso, no qual as mais pessoas pedem o bem-estar e a sorte, invocando o nome de Deus e dos antepassados como intervenientes na sorte e do bem-estar desejado (Idem). (O Mundo cultural dos Ovangangela).

A caçada para ritual também é feita na eleição do soba, é programada porque entra no conjunto das várias cerimónias, no dia da caçada, o homem escolhido, aquele que toma posse do sobado ao eleito, reúne os caçadores e cinge-os com farinha nas frentes depois de ter invocado nomes dos antepassados caçadores até nomes de soba e de Deus, para que sejam ajudados a realizar a caçada e não haja ferimento nem mortes provocadas por leões, cobra e onças. (O Mundo cultural dos Ovangangela).

#### **1.3.4- A PESCA**

A pesca não é uma actividade exclusiva do homem, também as mulheres se entregam a ela, pescam em rios não muito profundos, as mulheres vão a pesca, sobretudo no tempo seco, quando a água dos rios diminui o seu caudal. (O Mundo cultural dos Ovangangela).

Dentre as actividades produtivas do povo ganguela, também está incluída a pesca fluvial, os riachos que a ele confluem são ricos em peixes, no que diz respeito a pesca, nos tempos remotos esta prática era feita com grande frequência, pois que as intempéries climatéricas eram favoráveis permitindo a captura de uma grande quantidade de peixe que servia para satisfazer as necessidades da população (Carvalho 1997).

Nos tempos actuais esta actividade é muito diminuta visto que só um pequeno número de habitantes realiza a mesma, muitas populações vivem distantes dos rios, lagos e lagoas e por sua vez aquelas pequenas populações que se encontram próximo aos rios têm essa possibilidade de praticar a pesca de forma regular atendendo o processo das quedas pluviométricas no caudal dos rios. (O Mundo cultural dos Ovangangela).

A pesca é realizada por homens que para tal tenham disposição, fazendo nassas e improvisando diques nos rios de pequeno curso para melhor apanharem peixes, alguns pescadores de profissão fazem nassas de caniços e rede para apanhar peixe grande, este tipo de pesca efectua-se tanto no tempo chuvoso como tempo seco. Na vida da família a pesca é valiosa porque diminui a carência de alimento e não só, o peixe serve de troca por outros artigos. (O Mundo cultural dos Ovangangela).

#### **1.4 CULTURA DO POVO OVANGANGUELA**

Um povo é sempre um conjunto em evolução que se vai adaptando aos diferentes condicionalismos do tempo, espaço e situações sociais, por isso, a cultura evolui com esse povo, salvar a genuinidade cultural dum povo não significa querer mantê-lo no seu arcaísmo, ou fazer dele uma reserva para turistas, mas fazer com que ela evolua desde dentro controlando o seu processo de crescimento, adaptando-se de acordo com os seus valores fundamentais, às diferentes situações da vida<sup>2</sup>.

A Cultura é sempre conjunção do passado com o novo, a vida que se recebeu vai passando por novas situações e tem de evoluir dentro de um mundo em movimento cujo objectivo é a realização pessoal e comunitária no mundo em que se vive.

“a cultura inclui não apenas aqueles elementos da experiência passada e da história que são tidos em consideração por serem considerados relevantes e significativos, mas também aquelas novas aquisições da interacção com o vasto mundo e que o povo decide adoptar e interagir na sua vida. Em cada momento, o povo realiza uma síntese cultural de elementos provenientes dos dois lados, e essa síntese é o que se entende de cultura” (Carvalho, 1997 p.20).

Para o autor, no meio de todos seus valores culturais, o povo ganguela, também tem as suas sombras que exige uma plena evolução, na linha de uma maior humanização de todos seus princípios e estruturas, para tal o processo de evolução e humanização deve ser sempre crescente.

##### **1.4.1- RELIGIÃO**

A religião Ovanganguela centra-se sobretudo no culto aos antepassados, porém, isto não quer dizer que Deus não exista para eles, os antepassados são

---

<sup>2</sup> Os 40 anos de África e o “Mundo Cultural dos ganguela”

considerados como intermediários, para o ganguela Deus está ligado aos elementos de sinal positivo da vida, o nome de Deus está ligado a ideia de juntar, criar, de inteligência, Deus é certamente uma realidade que significa muito no mundo Ovanganguela. (O Mundo cultural dos Ovangangela).

Segundo Gabriel (1977), a religião entre os Ovanganguela centra-se no culto aos antepassados, estes são os intermediários necessários pois raramente o kanganguela se dirige directamente a “Kalunga”, a Deus. Os antepassados aparecem integrados com toda a espontaneidade no grupo, tem um lugar importante na vida dos Ovanganguelas, pois todos os momentos relevantes na sua vida estão marcados pela sua presença. Por exemplo; ao se analisar o rito de circuncisão, começa um gesto dirigido aos antepassados, ao princípio por toda a aldeia e, depois por todo grupo representativo que intervém nela, após o acto de circuncisão a criança sacrifica um animal.

Entre a aldeia e os antepassados existe realmente uma ligação muito forte e profunda, os gestos mostram como a religião está integrada no meio cultural do quimbo (Limbo), os antepassados continuam a ser um grupo da aldeia, com quem se convive com toda naturalidade, trata-se de uma civilização simbólica onde os vivos e os mortos formam a mesma comunidade (Bastirdes, 1968 p. 103).

Para o autor, entre a aldeia e os espíritos dos antepassados, existe uma ligação muito profunda, visto que a luz da cultura africana os mortos continuam a proteger os vivos, os espíritos dos antepassados fazem parte de um grupo especial da aldeia principalmente os anciãos que tanto deram as suas vidas para aldeia.

Segundo Galileia (1975), a religião é vivida como algo presente em tudo, em todo homem e em todos os momentos importantes da vida, a frequência do contacto com o além não é dado pelo tempo, mas pelo ritmo da vida e dos acontecimentos, é no contacto com a natureza e com os acontecimentos que o ganguela experimenta a presença do além, existe alguns momentos especiais que estão marcados de um modo especial, por esta presença como o nascimento, o casamento, a doença e a morte. Mas também existem outros momentos importantes com a entronização de um soba, os aniversários da morte, estes acontecimentos de cariz social ou familiar fazem surgir com toda espontaneidade, a união aos antepassados, este diálogo com

os antepassados é muitas vezes uma atitude de defesa contra a dureza da própria vida, o mal aparece sempre como algo provocado pelo homem, a morte por exemplo, para o Ovangangela nunca é natural, a não ser quando é passagem lógica ao novo estágio, o fim de uma vida longa, qualquer outra é sempre fruto de uma provocação, por isso é que o homem Ovangangela põe todo seu esforço em descobrir a causa e o culpado dela.

As colheitas agrícolas começam sempre com uma cerimónia especial, começo da mesma, os primeiros frutos são levados ao soba, este apanha a parte e oferece aos antepassados e depois reparte o resto aos presentes só a partir deste momento é que se pode recolher os demais produtos, cada pessoa no seu campo ao começar a colher os primeiros frutos, deixará cair os primeiros grãos ao chão em memória aos antepassados. Estes gestos mostram bem como os antepassados estão presentes na vida da aldeia, como eles são um grupo a ter em conta, como actuam e influenciam a vida de todos e, portanto, que têm de ocupar o lugar que lhes compete. A religião é um elemento identitário e chega a moldar e orientar o comportamento e conduta dos indivíduos e dos povos como um colectivo. (O Mundo cultural dos Ovangangela).

#### **1.4.2- RITOS**

Do ponto de vista social predominam nos Ovangangela os ritos de passagem ou de iniciação masculina. A circuncisão realiza-se num ano de muita abundância, pois durante muitos meses quase ninguém trabalha e, também porque durante todo esse tempo se gasta grandes quantidades de milho.

Havendo um grupo bastante numeroso de rapazes que ainda não tenham sido circuncidados reúne-se o soba com todos os seculos das aldeias que lhe estão sujeitas, a fim de combinarem o dia da circuncisão.

A circuncisão realizada pelos rapazes a fim de serem incorporados no seio da sociedade Ovangangela, obedece os seguintes ritos:

- Proclamação da festa da circuncisão;
- Caçada ritual dos circuncidados da aldeia;
- Rito da farinha pela mulher do soba;

- Os rapazes dirigem-se para o local da circuncisão;
- Reunião dos homens com batuques e as mulheres a uma distância considerável cantam;
- Os rapazes colocam-se em fila, sem roupa alguma;
- Acto da circuncisão;
- O circuncidado sacrifica uma galinha e proclama o seu novo nome;
- Retiram-se para o acampamento, enquanto as mães entoam cantos de luto, entram no acampamento completamente despidos, com proibições e isolamento;
- De regresso a aldeia proclama-se a festa e preparação da cerveja, os rapazes são vestidos de cascas e cobertos de barro, o acampamento é queimado com tudo que está dentro, o soba e a mulher recebem-nos na aldeia traçando um círculo a volta de cada um, as mulheres da aldeia e as mães recebem-nos cobrindo-os de pano;
- As mulheres e as crianças desaparecem do quimbo e os rapazes acompanhados dos tungandzi, dirigem-se ao rio, os guardas cortam o cabelo em forma de meia-lua aos rapazes, e estes despem-se, faz-se
- Outros ritos e de seguida vestem as roupas do quimbo, os tungandzi desaparecem e toda aldeia dança e celebra o acontecimento.<sup>3</sup>

O processo de iniciação das mulheres com intuito de serem incorporadas de forma efectiva dentro da sociedade ganguela obedece os seguintes passos:

- Na fase da preparação a rapariga tem de sofrer o primeiro fluxo menstrual;
- Avisa uma velha do sucedido, esta avisa a mãe da rapariga e retira-se para o mato próximo a aldeia, o pai ou o marido se o tiver já destinado, constroem não muito longe da casa dos pais uma cubata de ramos, cuja porta é também tapada com ramos, ficando isolada da aldeia;
- No período da manhã vive na mata, de noite na cabana, é-lhe entregue uma velha mestra e uma criança para lhe trazer comida e a untar com barro

---

<sup>3</sup> Os 40 anos de África e o “Mundo Cultural dos ganguela” p. 238.

branco, de seguida veste o pano interior manchado e sobre ele um manto de casca de árvore enegrecida de lodo que a cobrirá totalmente;

- Proibição de ter contacto com pessoas de sexo oposto e de tocar objectos caseiros que fazem parte da cultura e de se adornar;
- Vive neste regime durante cinco dias, ao sexto dia é-lhe encaminhada a mata perante a uma árvore de sangue onde segue os espíritos dos antepassados, de regresso a casa toca nos utensílios caseiros, fica livre das proibições e ingressa nos serviços domésticos, de seguida proclama-se a festa da dança “tuwema” e a preparação da cerveja da iniciação das mulheres no fogo;
- A rapariga é levada com os olhos tapados, rodeada pelas tuwema que, tirando-lhe a venda lhe perguntam quem são, ao reconhecer o nome das mascaradas todas dão gritos de alegria.
- Na fase da integração da vida adulta, as mulheres e raparigas dirigem-se à floresta a “Mungolo”<sup>4</sup> fica com a mestra e outras preparam-se para reunião seguir, realizam-se ritos que lhe lembram a situação de vida, problemas vários, descobre vários episódios representados por grupos de mulheres tais como: a dos espíritos fantasmas, a do cadáver morte, a da mulher do chicote, a da mulher da ferida no pé, a da mulher da boneca do feijão símbolo da fertilidade;
- De seguida a mungolo tem que passar por todos estes grupos e descobrir o que representam todas estas situações, ao pôr-do-sol regressam aldeia e conclui-se a festa no meio de danças e cânticos.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Palavra de típica da cultura ganguela referindo-se a mulher que faz o efiko

## **1.5 MORAL E ÉTICA DOS OVANGANGUELA**

Segundo Carvalho (1997), os princípios morais dos Ovanganguela abarca todos os aspectos da sua vida, o mal como se sabe é mal e será sempre mal por todos os tempos, por isso o kanganguela tem princípios que orientam a sua vida, na sociedade estes princípios são transmitidos durante a educação dos filhos que

---

<sup>5</sup> Os 40 anos de África e o “Mundo Cultural dos ganguela” p. 240 e 241.

normalmente é orientada em fazer o bem, como é o caso de não lutar, brincar bem com os outros estes princípios orientam a educação infantil dos Ovanganguela.

Para o autor, os assuntos ligados aos princípios que norteiam a vida do povo ganguela, inclui todos elementos que fazem parte da vida diária, para o ganguela o mal sempre será mal em todos momentos, os filhos desde terra idade sempre são educados no sentido de fazer sempre o bem e evitar o mal.

A obediência, o respeito pelas coisas alheias, o respeito devido aos mais velhos são igualmente princípios que resultam da educação moral e cívica da criança. A educação dos jovens faz-se normalmente e com grande destaque nas cerimónias de casamentos; este tipo de educação é muito vasta, os jovens são aconselhados a respeitar os sogros e as famílias de ambos os lados, fazer os trabalhos de casa, ter em conta a hospitalidade, manter o bom relacionamento entre as duas famílias que se unem é condição sine qua non para manutenção e segurança do casamento (idem).

O adultério para os Ovanganguela é um contra valor pois dele até pode resultar mortes, o respeito é outro dos valores que o ganguela tem e nunca deixou de praticar, a hospitalidade constitui também um valor que o ganguela tem e nunca descarta, pois todos andam, e, andando, todos precisam de um lugar para se hospedar, este princípio da hospitalidade caracteriza em geral o africano. O Ovanganguela, em particular, recebe hóspedes em sua casa sem esperar uma contrapartida material ou financeira. O respeito pela vida é um outro valor que hoje ainda se conserva, apesar de já não se observar em todos, já que a modernidade infunde nos jovens o aborto ilícito, no passado o aborto existia, mas não era provocado, um casal com filhos era uma honra, símbolo de desenvolvimento do casal, na tradição Ovanganguela quem contraía o casamento procurava ter filhos para testemunhar o seu casamento, a educação contra o aborto era dada durante as cerimónias de iniciação feminina visto que as mais velhas incutiam nas jovens o carácter sagrado da vida. (O Mundo cultural dos Ovanganguela).

Os Ovanganguela têm o seu sistema de comportamento regulado com critérios e normas bem determinadas, estas normas e critérios morais como é próprio das civilizações orais, são transmitidas através de adivinhas, provérbios, contos,

canções deste modo facilita-se a sua transmissão e retenção as gerações mais novas. (O Mundo cultural dos Ovangangela).

Estermann (1962), salienta que o ambiente em que estas normas são transmitidas é típico e faz com que elas adquiram mais significados e conteúdo, o lugar normal é a fogueira, à noite o grupo vai revivendo todas as suas ligações culturais tais como histórias, hábitos, critérios e tradições que são algo mais do que recordações e que constituem o esqueleto que sustenta a própria estrutura social, por isso tem importância o modo como tudo isso é vivido e transmitido.

Para o autor, a transmissão oral para comunidade africana tem grande importância, o lugar que por excelência é apropriado para transmissão de conhecimentos e a volta da fogueira, onde as gerações adultas passam o seu testemunho as gerações mais novas.

“a moral é transmitida num ambiente calmo principalmente de noite, depois do jantar, os habitantes de quimbo (Limbo) e possíveis hóspedes se reúnem em conversa amena em volta a fogueira, este recria-se, conversando, por vezes é mais palavreado divertido e livre entrecortado em trecho de literatura oral, especialmente adivinhas e fábulas. para adivinhas, divide-se assistência em dois grupos, propondo um e tratando de responder outro e vice-versa” (Estermann, 1962 p.277).

A moral dimana de um modo cultural, pois este tipo de sociedade forma uma unidade que tem de ser reforçada a todos os níveis para poder subsistir. O povo Ovanganguela tem a cultura do artesanato que consiste no fabrico de zagaias, flechas e sandálias, para além de vestuário em pele que facilitam lidar com o clima quente e os terrenos arenosos. A cultura do povo Ovanganguela é uma das partes da cultura bantu de Angola. A mesma expressa e contém os elementos fundamentais para criar a coerência estrutural que tem garantido a sobrevivência espiritual e material deste povo que acaba por formar uma única comunidade cultural ligada pelos antepassados. (O Mundo cultural dos Ovangangela).

## **CAPÍTULO II: A RESISTÊNCIA ANTI – COLONIAL NO REINO DE KATOKO**

## 2.1 – O reino de Katoko

Antes de abordarmos propriamente os factos históricos que são o fulcro do nosso trabalho é feita aqui uma breve incursão sobre a relevância da tradição oral não só para a transmissão da cultura dos povos de África como também para mostrar que a história dos povos negros africanos, em grande medida, é transmitida e conservada fundamentalmente fazendo-se uso da tradição oral.

Para Raúl Altuna (2006), as sociedades africanas em geral, e muito em particular a África subsariana, são essencialmente sociedades da palavra falada. Mesmo quando a escrita existe, e apesar de séculos de colonização, a oralidade continua a ser parte integrante da comunidade e do indivíduo, sendo constitutiva da própria identidade individual e colectiva. É elemento chave para a transmissão e preservação da tradição e da sabedoria dos povos, legada pelos antepassados de geração em geração, de boca em boca ao longo dos séculos. A tradição negro-africana baseia-se na palavra; é essencialmente oral. A oralidade é completada por ritos e símbolos. Mas estes, sem a palavra, sem a tradição, tornam-se inteligíveis e ineficazes. Nas sociedades africanas a palavra contém em si um valor dinâmico e é eficazmente influente, pois ela é vida. A cultura realiza-se, expande-se e permanece pela palavra; por isso, é cultivada e tratada com zelo. A oralidade baseada na palavra é assim o canal para a difusão da sabedoria dos povos.

Para Susana Nunes, (2009, Pg. 37), a tradição oral é a principal fonte histórica que pode ser usada para a reconstrução do passado de muitos povos: “são fontes históricas cujo carácter próprio está determinado pela forma que reveste: são orais e não escritas e têm a particularidade de que se cimentam de geração em geração na memória dos homens”.

Com base nas fontes orais (contos de ancestrais) e nas fontes documentadas em obras literárias do clero espiritano no Sudoeste de Angola <sup>(2)</sup>, o sobado de Katoko (reino) veio do alto Zambeze. Na sua longa caminhada para o Sul, desalojou muitos povos das suas terras, travando lutas sangrentas que culminavam com a ocupação dos invasores Vakwa-Katoco; a cronologia da origem deste grande sobado ou reino de Katoko evidencia-se através de quatro primeiras aldeias. A primeira aldeia denomina-se «Matyambwe», a segunda “Kasima na Mbuili”, a terceira “Kasima na

Kowa” e a quarta “Kwando na Kembo”. Os nomes destas aldeias eram os nomes dos rios onde as populações em constantes movimentos migratórios procuravam fixar-se temporariamente. O autor ainda frisou que, é importante e oportuno esclarecer que desde sempre os Ovanganguela atribuíam às aldeias os nomes dos sobas que estivessem no activo, isto é, cada aldeia ficava com o nome do seu soba. Logo o nome dos Vakwa Katoko não foi o mesmo desde a sua fundação. Teve várias designações de acordo com os nomes dos legítimos sucessores ao sobado de uma determinada linhagem. O povo era o mesmo, mas o nome do limbo mudava Kassanga (2015. p. 19).

Um dos antigos sobas que saindo do alto Zambeze com a sua população veio estabelecer-se perto do rio Kuando na Kembo, na região dos Vambwelas (Ambuelas), foi o soba (Mwene Tyimpanga). Os sucessores do Tyimpanga foram: Ndjindo, Intumba, Kassocola, Mukungo, Intumba II, Nyama e Ndjimbo. (Kassanga, 2015, Pg. 19).

A Ndjimbo sucedeu seu filho Vundjanga. Foi o Mwene Vundjanga que introduziu o rito da circuncisão na tribo Ovanganguela-kutuhula (circuncisar). Não se sabe o número exacto de filhos que o Mwene Vundjanga teve, no entanto, os mais conhecidos foram três: Lukanbo (Ndala), Tyivalo (Kambinda), e Ngongo (Ntyamba). Importa referir que Lukanbo e Tyivalo foram grandes guerrilheiros, pois desencadearam incursões armadas contra os Kwanyamas, com o objectivo de raptarem enormes manadas de gado, pessoas, etc. também ajudaram os naturais de Caconda aquando da guerra contra os colonos estabelecidos naquela região em 1718. Estes dois altivos e corajosos combatentes (Lukanbo e Tyivalo), infelizmente, morreram numa das grandes batalhas contra os Kwanyamas. Os kwanyamas estavam militarmente bem organizados e tinham forte domínio da estratégia de combate dos adversários. Deste modo, sucedeu ao trono do Mwene Vundjanga o seu terceiro filho, Mwene Ngongo, cognominado “Pacífico”. Mwene Ngongo saiu da região do Kwando na Kembo para a região do Tyima Tya Nano – um afluente do rio Cubango. Durante a caminhada com seu povo, travou muitas lutas contra vários grupos de populações que viviam nos sítios por onde ele passava. Devido a uma guerra terrível que houve entre o Mwene Kavava e Mwene Vundjanga no Kwando na Kembo, Mwene Ngongo foi para Tyima Tya Nano com um grupo restrito de pessoas,

porque a população ficou dispersa. No Tyima Tya Nano, Ngongo comprou sete armas de fogo, através de um comerciante de Caconda chamado Kantuko, que vivia naquela região. Com estas sete armas em sua posse, Ngongo resolveu voltar para as áreas do Kwando na Kembo, à procura do resto da sua gente, para daí ir residir nas terras desejadas. A caminhada foi difícil e lenta devido a grandes obstáculos naturais e encontrados, bem como por parte do próprio homem, por cujas terras a caravana passava. Ngongo com a sua gente chegou até ao território de Mitya Katota, já no interior de Angola, onde reinava o Mwene Mulinda, e estabeleceu a sua aldeia na preferia daquele sobado. (Kassanga, 2015, Pg. 20).

O Mwene Mulinda e o Mwene Ngongo estabeleceram relações de amizade entre si, e ambos fizeram projectos que tinham objectivos comuns. Foi assim que, um dia em conversa entre os dois, o soba Mulinda contou ao Ngongo acerca dos ataques que ele tinha sofrido por parte do povo dos Cachingues, pois faziam-lhe contínuas investidas, seguidas de raptos de gado, pessoas, etc. no final da conversa, ambos decidiram fazer o mesmo para, em conjunto, irem também atacar os invasores. Prepararam as suas tropas, armamento e tudo o que era necessário para um combate sério contra os Cachingues. Travaram uma luta forte contra os seus inimigos, tendo a mesma terminada com a derrota retumbante dos Cachingues. No final da guerra, trouxeram consigo, muitos bens e prisioneiros, incluindo o próprio soba e as suas mulheres. Com este feito, Mwene Ngongo ganhou muita estima e o respeito do Mwene Mulinda, que, em gesto de agradecimento, deu-lhe a mão da sua filha “Sunga ya Mulinda” em casamento. Ngongo muda a sua aldeia de Mitya-Katota para o monte Kandjombo, situado junto do rio Kuchi. Mudou de aldeia várias vezes: primeiro, esteve ao pé do monte Kandjombo; a seguir, saltou o rio Cuchi e fixou-se no Malavi; depois instalou-se no Mingungo e, finalmente, pela quarta vez, fixou-se no Ndavissô. Todas essas aldeias ficaram nas margens de afluentes do rio Cuchi. Foi no Ndavissô que Mwene Ngongo morreu, ou seja, na última aldeia em que se fixou. Este facto contraria o que está escrito no livro “O mundo cultural dos Ovanganguelas”, que o dá como tendo morrido no Linguela. De igual modo, é falso que Mwene Ngongo tinha apenas uma mulher (Kassanga, 2015, Pg. 21).

Em África, todos os líderes tradicionais (reis) de sua vontade ou não têm de ter mais do que uma mulher, porque o palácio real assim se torna mais forte e famoso: fica

com muitos “mikamas”, isto é, jovens de ambos os sexos que trabalham no Lilombe (3). É dentro deste princípio do tradicionalista africano, de que a cultura Nganguela é parte integrante, que o Mwene Ngogongo de modo nenhum podia ter apenas uma mulher. Ngogongo tinha três mulheres confirmadas: a primeira, chamava-se Sunga ya Mulinda, a segunda, chamava-se Katumbo ka Ndudy e a terceira, chamava-se Kassokola ka Kavandje. Infelizmente não se sabe o número exacto de filhos que ele teve com as três mulheres. Contudo, historicamente entre os mais conhecidos e famosos da região dos Ovanganguela, contam-se a Intumba Ngogongo (filha da Sunga ya Mulinda), o Ngunda ya Ngogongo (filho da Katumbo ka Ndudy), e o Nkossi ya Ngogongo (filho da Kassokola ka Kavandje). No Ndavissô, sua última Embala (grande aldeia), Mwene Ngogongo tinha cerca de vinte mil pessoas sob o seu governo, num ambiente harmonioso e próspero. Já velho e cansado, morreu no actual município do Cuchi, província do Kuando Kubango. Ngogongo tinha talento, foi um rei corajoso e humanista, por isso mereceu o cognome de «Pacífico». O seu nome é ouvido respeitado em todos os quimbos do Cuvango, como uma figura de grande referência. Sucedeu-lhe no poder a sua primeira filha Intumba Ngogongo, que teve pouco tempo de governação. Passou o poder ao seu irmão Ngumda ya Ngogongo, que, segundo a tradição, não poderia ser investido após a morte do pai porque ainda não tinha sido circuncidado e como tal, ainda não podia ser soba. Tão logo recebeu a circuncisão Ngumda assumiu a chefia definitiva do sobado, em substituição da irmã (Kassanga, 2015, Pg. 22).

A Intumba Ngogongo teve cinco filhos: Mayambi, Linguembwe, Kalumbo, Sunga e Katoko. Foi Mwene Ngumda ya Ngogongo quem mudou a aldeia do pai “Ngogongo”, do Ndavissô para a localidade do Linguela, que se situa na margem esquerda do rio Cubango, a seis quilómetros da actual sede do Município do Cuvango. Os Ovanganguelas chamam Linguela às margens alcantiladas dos rios. Como o quimbo ou aldeia dos “Vakwa Katoko” ficava situado sobre uma destas elevações, assim deram a este mesmo quimbo o nome de Linguela. Também o nome Linguela está relacionado com o termo “guerra”, por isso o mesmo nome significou sítio onde a população do quimbo se refugiava aquando dos ataques de Kwanhamas. Bom sítio. Eu próprio conheço o local, já lá fiz muitas caçadas de animais com o meu falecido pai (Mwene Kalei do Katoko) disse o autor. Linguela foi uma importante povoação Ovanganguela cujos vestígios ainda hoje visíveis tais como: restos de uma forte

muralha que cercava todo o quimbo, com duas entradas apenas, que tinha como objectivo protegerem as populações sempre que ocorressem eventuais ataques de inimigos. A muralha era muito forte, construída com massas de barro, com uma altura de 3 metros. Todavia, o quimbo durou muitos anos. O Mwene Ngunda ya Ngongo morreu no quimbo Linguela que ele fundou, como anteriormente foi dito, transferido do Ndavissô município do Cuchi Província do Kuando Kubango (Kassanga, 2015, Pg. 23).

O autor (Kassanga, 2015), ainda frisou que, é importante e oportuno esclarecer que desde sempre os Ovanganguela atribuíam às aldeias os nomes dos sobas que estivessem no activo, isto é, cada aldeia ficava com o nome do seu soba. Logo o nome dos Vakwa Katoko não foi o mesmo desde a sua fundação. Teve várias designações de acordo com os nomes dos legítimos sucessores ao sobado de uma determinada linhagem. O povo era o mesmo, mas o nome do quimbo mudava...

O reino do Katoko nasce no reino do Sendje porque, os dois são descendentes do seu ancestral mwene Ngongo; por isso é que para a entronização do rei Tyihwaku II foi necessário este ir até ao reino do Sendje por onde nasceu o reino de Katoko e este foi coroado pelo rei Mukuva (mwene Kangandji). Ngongo teve três filhos: Ngosi, Intumba e Ngunda, são esses que formaram o reino do Sendje e cada um desses teve os seus filhos e cada um dos filhos que quisesse desmembrar-se dos progenitores, então tinha o direito de ocupar uma parcela de terra assim como uma parte da população formando assim também a sua aldeia; foi assim que surgiu o reino de Katoko e os nomes das aldeias eram dos seus sobas. Por essa razão, cresceu o número de aldeias tornando o reino do Sendje mais vasto e os seus representantes perderam o controlo, facto que causou a divisão do Sendje dando origem ao Katoko. Por isso, existem muitas razões do povo do Cuvango ter mais afinidade no campo da cultura, tradicional e linguístico com a província do Cuando Cubango em relação com a Huíla e se o Cuvango faz parte da província da Huíla, é fruto do colonizador quando fez a divisão político-administrativa. (Inácio Kambinda, entrevistado no dia 14 de Maio de 2021, pelas 18 horas no Cuvango).

Com base do que se leu e ouviu, é assim que se entende a origem histórica do actual quimbo dos Vakwa Katoko, em cuja área de jurisdição se situa a actual sede do Município do Cuvango. O seu nome proveio do soba Katoko, sucessor do soba

Mayambi. Com a chegada dos colonos, o quadro de mudança dos nomes das aldeias ficou abolido. De lá para cá mudam os sobas, mas os nomes dos quimbos não se alteram, permanecem. A abolição das mudanças dos nomes das aldeias, em função do nome do soba no poder, iniciou-se com a chegada dos primeiros comerciantes portugueses, a partir de Caconda Velha, que rumaram em direcção ao Leste e atingiram o sobado de Katoko, centro do território Ovanganguela, no Cuvango (Inácio Kambinda, entrevistado no dia 15 de Maio de 2021, pelas 15 horas no Cuvango).

Em 1852, o sertanejo Silva Porto, explorador geográfico português, atravessou, de lés-a-lés, a região dos Ovanganguelas e Ambwelas, montando um soberbo cavalo; deixou alguns escritos, relatando as características físicas e culturais da tribo Ovanganguela (Kassanga, 2015 pg. 51).

Segundo (Kassanga, 2015), foi precisamente nesse tempo em que o soba era Katoko, de seu nome próprio, do qual Silva Porto nos dá notícias. Durante a sua governação, o soba Katoko não teve problemas graves que de uma maneira ou de outra pudessem criar um ambiente conflituoso no seio da sua gente, bem como no campo das relações diplomáticas com os demais quimbos circunvizinhos. Foi uma época de relativa calma na região, em termos de disputas pelo poder político, entre os descendentes de Mayambi, diferentemente do que aconteceu em sobados anteriores. Katoko governou longamente e morreu na sua aldeia. (Kassanga, 2015).

Pascoal Kambinda Ntyamba (2021) diz-nos que, o reino de Katoko era uma fratria do reino do Sendje (actual município do Cuchi província do Cuando Cubango); com o desenvolvimento das forças produtivas, o reino do Sendje dividiu-se originando o reino de Katoko(...) O mesmo reino em 1886 e 1887 o seu território compreendia os actuais municípios de Cuvango, Chipindo, Jamba e uma parte do município do Cuvelai (província do Cunene) era um reino muito vasto. O Katoko estendia-se até ao reino de Mandume porque naquela altura não havia divisão político-administrativa bem definida como hoje em dia tal como o reino do Mandume que se estendia até a Norte da Namíbia. Pascoal Kambinda Ntyamba, entrevistado no dia 05 de Abril de 2021 pelas 16 horas no Cuvango.

Actualmente o Katoko limita-se a Sul com a província do Cunene, a Oeste com o município da Matala, a Norte com a província do Huambo e a Leste com a província do Cuando Cubango. O reino do Katoko nasce no reino do Sendje porque, os dois são descendentes do seu ancestral mwene Ngongo; por isso é que para a entronização do rei Tyihwaku II foi necessário este ir até ao reino do Sendje por onde nasceu o reino de Katoko e este foi coroado pelo rei Mukuva (mwene Kangandji). Ngongo teve três filhos: Ngosi, Intumba e Ngunda, são esses que formaram o reino do Sendje e cada um desses teve os seus filhos e cada um dos filhos que quisesse desmembrar-se dos progenitores, então tinha o direito de ocupar uma parcela de terra assim como uma parte da população formando assim também a sua aldeia; foi assim que surgiu que surgiu o reino de Katoko e os nomes das aldeias eram dos seus sobas. Por essa razão, cresceu o número de aldeias tornando o reino do Sendje mais vasto e os seus representantes perderam o controlo, facto que causou a divisão do Sendje dando origem ao Katoko. Por isso, existem muitas razões do povo do Cuvango ter mais afinidade no campo da cultura, tradicional e linguístico com a província do Cuando Cubango em relação com a Huíla e se o Cuvango faz parte da província da Huíla, é fruto do colonizador quando fez a divisão político-administrativa. O mwene Mukuva V do Cuchi também é descendente do mwene Ngongo, neste caso, os actuais reis do Cuchi (reino do Sendje) e do Cuvango (reino do Katoko), cada um pode governar em um dos dois territórios tradicionalmente falando. Pascoal Kambinda Ntyamba, entrevistado no dia 07 de Abril de 2021 pelas 12 horas no Cuvango.

### **2.1.2 – A genealogia de Tyihwaku**

Segundo Paulo Kassanga (2015, PP.19,20,22,23,47 e 49), a genealogia do Tyihwaku obedece a seguinte ordem crescente começando com o soba Tyimpanga vindo do Alto Zambeze. Sucedeu-lhe a Ndjimbo; a Ndjimbo teve o Vundjanga; Vundjanga teve Lukambo, Tyivalo e Ngongo; Ngongo teve Intumba Ngongo, Ngunda ya Ngongo e Nkossi ya Ngongo; a Intumba Ngongo teve Mayambi, Linguembwe, Kalumbo, Sunga e Katoko; e finalmente a Sunga teve a Katwa e Tyihwaku.

Kambinda (2021) nos diz que o soba Tyihwaku nasceu em 1849 na aldeia de Boa Ventura no Cuvango - Huíla, filho de Mwene Kapembe e de Mwene Sunga ya Intumba Ngongo. Fala-se mais do Tyihwaku em relação aos outros tantos pelo facto

de este ter sido o único a travar grandes batalhas contra os colonizadores portugueses. Bartolomeu Kambinda, entrevistado no dia 02 de Fevereiro de 2021 pelas 17 horas no Cuvango.

## **2.2 – Chegada dos Portugueses no Cuvango**

Kassanga (2015, pp 50-52), diz-nos que a chegada inicial de europeus às terras do Cuvango foi efectuada através de negociantes que já haviam estabelecido contactos isolados com alguns nativos da região para permutação de produtos. Os europeus negociavam produtos manufacturados ou industrializados que traziam da Europa (fazendas de panos, mantas, missangas, aguardente, armas de fogo, pólvora etc.), e os africanos em troca forneciam produtos locais (borracha, cera, marfim e outros) que eram apreciados na Europa.

O intercâmbio comercial entre europeus e africanos na região do Cuvango foi o prelúdio do grande impulso e interesse dos comerciantes europeus, que pretendiam explorar as riquezas da região. Paulatinamente o processo de chegada de europeus ao Cuvango foi aumentando e criou as condições propícias para a consolidação e fortalecimento dos interesses estrangeiros na região. Com a intensificação das relações de comerciantes portugueses com algumas populações nativas, foi possível o lançamento das bases que viriam assegurar a implantação das futuras estruturas político-militares portuguesas, tendentes a reprimir eventuais resistências contra a sua presença na região, por parte dos autóctones. Em 1852, Silva Porto atravessou uma grande parte da região dos Ovanganguela e Ovambwela. Os seus relatórios informativos para o governo português sobre as potencialidades económicas e recursos naturais por si constatados na região fizeram com que fossem tomadas medidas para uma ocupação efectiva, em todo o território angolano. Uma dessas medidas foi a montagem de postos militares avançados em localidades, consideradas estratégicas, desde a faixa litoral e por todo o interior de Angola. A região do actual Município do Cuvango não escapou a esse plano de ocupação militar portuguesa que tinha como finalidade atender os seus objectivos políticos, económicos e religiosos. A conquista e ocupação efectiva do território do Cuvango não foi fácil, porque contaram sempre com resistência por parte dos naturais, que procuraram a todo o custo impedir a presença colonial na sua região. E como consequência, várias batalhas foram travadas contra os invasores europeus. A

região perdeu muitos dos seus filhos impiedosamente mortos e deportados pelos ocupantes estrangeiros. (Paulo Kassanga, 2015).

Os europeus exploradores atingiram o Cuvango em 1877 a 1883. A presença portuguesa na primeira fase para além da acção dos comerciantes portugueses e exploradores foi personalizada pelo sacerdote Ernest Lecomte. O mesmo conseguiu inicialmente estabelecer relações de amizade com o rei que era o representante máximo da região na altura. Manuel Luís Ndala Entrevistado em Junho de 2021 no Cuvango.

Em 1884, Padre Ernest Lecomte vindo das Terras de Cassinga entrou no Reino de Katoko, cuja Sede era Embala do Lilunga (Imbandja ya Katoco). Depois dos seus contactos com as autoridades tradicionais da região, Ernest Lecomte pede ao Mwene Lilunga um sítio para a edificação da Missão. O Soba Lilunga quando se apercebe que as palavras do Padre eram de os conduzir a um caminho da salvação divina aceita o pedido e indicou alguns jovens que foram mostrar ao Padre um Terreno da sua jurisdição. Os jovens levaram o Padre até aos limites com aldeia de Tyihungo, Terra do Mwene Tyihwaya (Soba Tyihwaya) a partir do Tyitsiki (Riacho que fica próximo da aldeia de Katala). Pe. Ernest Lecomte, a partir daquele rio, procura o sítio do seu agrado para a edificação da Missão e só o consegue na confluente dos Riachos Utombe e Tyimpemba à leste da aldeia do Mwene Tyihwaku. Ernest Lecomte, vai à Embala do Soba Lilunga e dá a conhecer ao seu amigo Lilunga, e edifica aí a Missão, com o nome de Katoco, daí conhecida como “ **Missão de Katoco**”. Aí, o sacerdote desenvolve as suas actividades missionárias; Foram produzidos muitos livros da Igreja com nome de Katoco nas capas, e muitos livros da tradição local; para o ensino, a destacar um livro chamado “ **Conversação**”; este era como um Dicionário, isto é, a tradução do Português para Ovanganguela. Tanto na tradição, isto é, cerimónias culturais: a circuncisão (Vundanda na parte masculina e Vungolo na parte feminina) quando atinge a fase da puberdade. (Paulo Kassanga, 2015).

Como tradução, tudo foi à colaboração de homens e mulheres nas aldeias de Katoco e Tyihwaku. Também foi o Reino de Katoco que gerou o primeiro Padre negro do Sul de Angola: Padre António Abel Mayambi, cuja ordenação Sacerdotal aconteceu em 1933; e este Padre nasceu na aldeia vizinha do Katoco chamada

Senga. E esse Padre negro foi da linhagem do Rei Tyihwaku. De recordar que o **Lecomte** é quem baptizou o Rei Tyihwaku com o nome de Luís Tyihwaku. (Paulo Kassanga, 2015).

### **2.3 – Conflitos armados entre os portugueses e os autóctones;**

Segundo Zau (2008, p. 135), no período pré-colonial e no espaço geográfico correspondente à República de Angola, existiam autênticas nações com realidades políticas, económicas e socioculturais muito próprias. A ocupação dos territórios, a unificação das fronteiras não foi feita de modo pacífico. Pelo contrário, foi principalmente por meio de força bélica que conseguiu impor-se e consolidar bases nas regiões invadidas. Os autóctones sempre resistiram à ocupação.

As guerras de resistência foram se fortalecendo, propiciando maior contacto dos nacionalistas autóctones com as teorias políticas e republicanas surgidas na Europa.

#### **2.3.1 Contradições entre Tyihwaku e Pe. Ernest Lecomte**

Consta na Tradição Oral local que devido a fama do poder do Mwene Tyihwaku na região de Cuvango, os três líderes das Embalas vizinhas, nomeadamente Mwene Lilunga do Katoco, e Mwene Kativa Kangombe do Kuando incluindo o Nunda seculo pertencentes à aldeia do Tyihwaku, cheios de ódio, procuraram a maneira de como reduzir a fama do poder do Tyihwaku. Os três líderes acima referidos aproveitaram a presença do Pe. Ernest Lecomte na Região para efectivar os seus intentos inconfessos já que eles sabiam muito bem, que se Tyihwaku tocasse no Padre criaria conflito com os portugueses e o poder deste seria destruído pelo Governo Português e em última instancia as pretensões dos rivais africanos se iria materializar. As figuras como Mwene Lilunga do Katoco, Mwene Kativa Kangombe do Kuando e o Seculo Nunda aproveitando um período de estiagem na região (1887) pouco ou nada choveu e como tal houve fome. E pelo facto do Pe. Ernest Lecomte ter aproveitado as águas do Rio abrindo uma vala de irrigação das culturas hortícolas, no mês de Dezembro três anos depois da chegada no Reino de Katoco criou confusão inventando-se uma informação a atribuir a responsabilidade à Lecomte sobre a seca na região. Professor Inácio Kambinda, entrevistado no dia 10 de Junho de 2021 pelas 16 horas no Cuvango.

O missionário, além do evangelho praticava também a agricultura; foi num momento em que o padre era grande amigo do seu filhado Tyihwaku. Pe. Ernest Lecante foi padrinho de baptismo e de casamento de Tyihwaku, a amizade entre os dois causava inveja ao Lilunga e Nunda contra Tyihwaku; estes criaram estratégia para separá-los a ponto de o ofenderem dizendo que este incircunciso (Tyihwaku) não tinha o direito de ter amizade com o branco, eles é deviam ser amigos do europeu. Assim, sabendo que um provável ameaça, conflito ou inimizade entre Tyihwaku e Lecomte, o Sacerdote teria apoio das autoridades portuguesas o que podia terminar num aniquilamento de Tyihwaku. Segundo a tradição local, o Mwene Lilunga do Katoco, o Mwene Kativa Kangombe do Kuando e o Mwene Nunda usaram suas magias para impedirem a chuva cair uma vez que o padre tinha as suas hortícolas verdejantes. Para pôr em prática os seus planos de anulação da fama e poder do adversário e causar confusão na mente deste (Tyihwaku), chamaram-no para um interrogatório. Foi-lhe colocada a pergunta, se ele estava contente com a falta de chuva. Foi criada a ideia de que era o Sacerdote o causador da estiagem e ele ouvindo essas palavras de seu primo Lilunga, Tyihwaku bêbado começou a ofender seu amigo e padrinho, e no dia seguinte desculpam-se retomando assim a sua condição normal de amigos. Como não tinham conseguido terminar com a amizade entre o Pe. Ernest Lecante e Tyihwaku, Lilunga e Nunda o chamaram novamente; replicando que o padrinho deste estava a privar a chuva na região e este facto estava a provocar fome ao povo. Será que ele estava de acordo com esta situação? Pela segunda vez, depois de bêbado, voltou a ofender seu amigo e posto no seu palácio real, organizou uma expedição para a captura do padre; o fizeram e penduraram-no amarrado na mulembeira, enquanto Tyihwaku dormia, bêbado (uma sequência da entrevista com o professor Inácio Kambinda no mesmo dia e ano).

No dia seguinte, admirado, o rei (Tyihwaku) vendo seu padrinho amarrado disse que era inocente do sucedido. Alguns militares do rei estavam já prontos para a execução do sacerdote. O Nunda nervoso puxa a barba do padre proferindo as palavras como: estás a castigar o nosso povo privando a chuva, agora vais morrer. Em reacção, para liberar seu amigo, teve que arranjar formas de afastar do Sacerdote os militares informando a todos de que sua esposa estava de menstruação e com disenteria; segundo a tradição, o povo não podia assistir a esposa do soberano ir para fazer necessidades muito menos quando estivesse de

regra. Então todos retiraram – se enquanto aproveitava libertar seu padrinho cobrindo – lhe de uma manta «Nhime»; Lecomte foi correndo até Kassinga onde se estalara antes do Cuvango. O povo do Tyihwaku foi incendiar a aldeia do sacerdote e a bandeira portuguesa que se encontrava no actual Parque Kalipande. Inácio, entrevistado no dia 10 de Junho de 2021 pelas 19 horas no Cuvango.

Este contexto histórico antecedeu o ataque militar português na região. São apontadas duas batalhas decisivas para a imposição de autoridade portuguesa na região do Cuvango. Das batalhas em causa há uma figura histórica que se destaca na região do Cuvango, o Mwene Tyihwaku.

### **2.3.2 As batalhas de Resistência de Tyihwaku contra as tropas Colonias Portuguesas no Cuvango.**

A presença efectiva dos portugueses em Angola foi confrontada com uma resistência constante.

Estudos realizados (Pelissier, 1997; Birmingham, 1980), mostram que Angola foi o país de África em que as etnias locais resistiram mais vigorosamente ao domínio europeu.

Os portugueses para combaterem as forças lideradas por Tyihwaku não lhes bastou levar apenas o material convencional para a guerra, mas sim, foi necessário prepararem-se tradicionalmente contratando assim uma mulher Cubal e também corromperam um senhor de Kassinga que sabia de alguns segredos do Tyihwaku. Pascoal Kambinda Ntyamba, entrevistado no dia 24 de Agosto de 2021 pelas 15 horas no Cuvango.

Segundo o professor Inácio (2021), depois de dois anos o padre reaparece com forças militares chefiadas por ele mesmo e aconteceu a primeira batalha onde o Tyihwaku saiu vitorioso, esta chamou – se por batalha da Travessia do rei Tyihwaku (mwava wa mwene Tyihwaku) e não de Kavamba conforme se refere na obra «A RESISTÊNCIA ANTI – COLONIAL NO CUVANGO do senhor Kassanga, pp.61 e 66». Tyihwaku venceu nesta batalha devido a magia negra que detinha, morreu muita gente branca e é daí que se descobriu que a final o padre era o representante direito do governo português; depois da derrota Lecomte deslocou –se para Portugal

em busca de reforço informando ao Conselho de ministros tudo quanto tinha ocorrido em Angola no Cuvango concretamente numa altura em que muitas regiões dentro de Angola já eram ocupadas. O padre (Lecomte) partiu, pouco depois, para Lisboa, onde deu uma conferência de imprensa na sociedade de Geografia de Lisboa, da qual ele era membro. Nessa conferência ele relatou aos presentes tudo quanto lhe tinha ocorrido, nomeadamente a Luciano Cordeiro, Ferreira do Amaral e Ressano Garcia, que representavam o governo português no acto. O governo central português ordenou então ao governador – geral de Angola, Brito Capelo, que se deslocasse à Humpata com o objectivo de confiar a Artur de Paiva a missão de ir submeter militarmente a região sublevada. Kassanga, (2015, P. 66).

Em resposta a informação e solicitação do Padre Lecomte, o governador orienta ao capitão Artur de Paiva que se encontrava na Humpata para atender o clamor do Padre; Artur de Paiva encontrava-se ali por causa da via marítima de Moçâmedes, o capitão explorador ao mesmo tempo, depois de informado sobre o poderio do rei filho da Sunga, preparou o material bélico mais sofisticado, desta vez os militares chefiados pelo capitão e o sacerdote que dirigia o caminho. Professor Domingos, entrevistado no dia 31 de Agosto de 2022 pelas 07 horas no Cuvango.

Uma expedição chefiada por Artur de Paiva largou da Humpata a 19 de Agosto de 1889, composta por 250 homens, dezoito carros de bois (carroças), cavalos muares e outros, que se juntaram pelo caminho. Passaram pelo Kipungo e Dongo, onde a expedição foi reforçada. Quando chegaram ao Cuvango, Artur de Paiva e as suas tropas acamparam na margem direita do rio à vista da fortaleza que, meses antes havia sido incendiada. No outro lado do rio, na margem esquerda, estava o rei Tyihuaku com as suas tropas, bem munidas de material que, semanas antes tinha comprado em Caconda a comerciantes portugueses. Kassanga, (2015, P. 66).

Para tal, não bastou levarem (os portugueses) o material convencional mas sim foi necessário também prepararem-se tradicionalmente, contratando assim uma mulher cubal, também corromperam um senhor de Kassinga que sabia de alguns segredos do Tyihwaku.

O rei (Tyihwaku) como persentia a presença de inimigos, também teve que preparar o seu exército comprando armas de fogo em Caconda através de comerciantes e

não só porque estava ali casada uma das filhas do Ngunda Ngongo o que pode nos dar entender que seus familiares ali terão lhe apoiado com o mesmo material. Esta segunda batalha antes tentou-se a negociação de forma que pudesse anular o confronto. O padre lembrando-se do comportamento de seu filiado enviou um militar para se saber se era possível evitar a guerra informando que Tyihwaku entregasse uma cabeça para que todos comessem carne em forma de reconciliação e Tyihwaku levou a mesma mensagem a outros sobas em particular o seu primo Lilunga e estes disseram que estamos preparados para enfrentar os europeus e se você aceitar a reconciliação serás Kahwaku em vez de Tyihwaku; prometendo-lhe apoio total enquanto nos seus interiores tinham ideias de traição.

No outro lado do rio, na margem esquerda, estava o rei Tyihuaku com as suas tropas, bem munidas de material que, semanas antes tinha comprado em Caconda a comerciantes portugueses.

A batalha iniciou no dia seguinte, por volta das seis horas, quando um dos soldados de Tyihwaku gritou do meio do rio que nenhum dos soldados portugueses podia atravessá-lo. O soldado foi imediatamente abatido pela tropa portuguesa e a batalha começou. Era a segunda batalha de Kavamba, em que mais uma vez, os indígenas demonstraram uma heróica resistência anti-colonial. Foram duros os combates travados, com perda de muitas vidas humanas de ambos os lados. Kassanga, (2015, PP. 66 – 67).

Então começou a segunda batalha mas, antes Tyihwaku tentou atravessar o rio de forma mágica como que pudesse evitar a guerra mas infelizmente foi abatido porque a mucubal tinha destruído a magia do grande rei porque ela tinha consigo um balaio onde caíam todas as balas e flexas das tropas do Tyihwaku. O soberano foi assim dominado sem ter como aplicar o seu feitiço até que foi derrotado com a sua tropa e ele fugiu para Sendje. Desde aí Cuvango foi ocupado. Tyihwaku ficou fora do reino durante um tempo, os portugueses sentindo-se a vontade na região, contactaram com todos os sobas que lhes ajudassem localizar o fugitivo prometendo-lhes tributos como pagamento.

Apesar dessa grande resistência em combate, as tropas de Tyihwaku, diante de intensos tiroteios do inimigo, equipado com armas modernas e dotado de técnicas

combativas mais avançadas, começaram a perder o campo de batalha. As tropas indígenas, enfraquecidas, apenas lutavam na defensiva enquanto as tropas invasoras estavam na ofensiva. As tropas de Artur de Paiva atravessaram o rio Cuvango a vau, saindo da margem direita onde estavam estacionadas, para a esquerda, avançaram em direcção à aldeia de Tyihwaku, onde desencadearam ataques muito violentos contra as populações do quimbo, provocando a morte de muitas pessoas inocentes. Derrotadas em campo de batalha, as tropas de Tyihwaku fugiram em debandada. Artur de Paiva com as suas tropas entrou na aldeia, e rumou directamente para o palácio, a fim de proceder à captura de Tyihwaku, felizmente não o encontrou, porque já se tinha refugiado em localidade incerta, o que casou a sua detenção. A aldeia foi completamente incendiada e a população não teve outra alternativa, senão refugiar-se nas aldeias vizinhas, em busca de segurança. Kassanga (2015, P. 67).

A segunda batalha aconteceu a 28 de Agosto de 1889; data esta tida como a de fundação do Cuvango por isso, é que até hoje em dia é celebrada como data de aniversário do Município, é o ano da fundação da administração portuguesa no Cuvango. Enquanto, o território em si já existia muito antes desta data. Inácio, entrevistado em 2021.

### **2.3.3.1 – Causas da Derrota de Tyihwaku;**

Tyihwaku desde sempre foi o único que esteve disponível e com a coragem para defender o seu povo, não houve união com os sobas das demais aldeias; estes viam sempre o problema como fosse apenas da responsabilidade do filho da Sunga. Os estrangeiros na última batalha traziam um material bélico muito forte, tradicionalmente estavam também bem munidos. Tyihwaku e o seu povo traídos não estavam capacitados para enfrentarem os inimigos por serem de um número muito inferior de tropas em relação aos europeus; falta de união, de armas próprias e a falta da técnica de guerra foram as principais causas da derrota (nos diz o senhor professor Inácio Kambinda entrevistado no dia 11 de Junho de 2021 pelas 10 horas no Cuvango).

Paulo Kassanga (2015, Pgs. 67 e 68), de entre outras, apontam-se as seguintes causas da derrota completa de Tyihwaku e as suas tropas:

- 2 <sup>a</sup>- A falta de união dos sobas da região ao rei Tyihwaku. Tyihwaku lutou sozinho, dispondo apenas combatentes da sua aldeia, em número insuficiente.
- 3 <sup>a</sup>- O fraco nível tecnológico em combate, pois as tropas de Tyihwaku não tinham preparação combativa para enfrentar um exército bem treinado e equipado com diferentes tipos de armas e de grande alcance.
- 4 <sup>a</sup>- A insuficiência de armamento para fazer face ao poder ofensivo do inimigo quando as tropas locais possuíam poucas armas, as que Tyihwaku havia comprado anteriormente a comerciantes de Caconda.
- 5 <sup>a</sup>- A ausência de coesão no seio dos combatentes (durante os confrontos), porquanto lhe faltou o vínculo combativo, no seio de militares. Assim, o inimigo aproveitou-se da desorganização das tropas de Tyihwaku.

As causas apresentadas são de facto profundas e acabaram por determinar o desfecho da Guerra. O heroísmo, a bravura de Mwene Tyihwaku não foram suficientes para contrapor o poder militar dos invasores portugueses. No entanto, ficou evidente que houve declaradamente uma vontade e acção liderada por uma autoridade local que fez o que estava ao seu alcance para tentar impedir a subjugação do povo da região do Cuvango.

### **2.3.3.2 – A fuga e captura do Mwene Tyihwaku;**

O líder da resistência indígena anti-colonial no Cuvango, derrotado na segunda batalha de Kavamba, em gesto de fuga, retirou-se misteriosamente do seu palácio e partiu para as terras do actual Município do Cuchi, Província do Kwando Kubango, em busca de refúgio seguro. No percurso Tyihwaku teve excelente acolhimento por parte de gentes das terras por onde passou, que o apoiaram e acarinham, sempre perseguido no seu encalço por Artur de Paiva que ia para o capturar. Mas não foi fácil a captura de Tyihwaku, segundo contos populares da região, porque ele era detentor de magia negra, isto é, transformava-se em diversos tipos de animais, aves, obstáculos inertes, enfim, em alguns fenómenos misteriosos, sempre que pressentisse a aproximação dos seus inimigos. Foram essas transformações mágicas que, segundo a lenda dificultaram a sua captura. Várias buscas foram feitas, mas em vão, porque Tyihwaku se tornava invisível. Paulo Kassanga (2015, Pg. 69)

Segundo Paulo Kassanga (2015) para o conseguir o capitão português utilizou as seguintes estratégias:

1ª Orientou que fossem incendiadas todas as casas de aldeias suspeitas de serem esconderijo de Tyihwaku, matando quando fosse necessário e semeando o terror em aldeias. Foi uma grande tragédia, com as populações afectadas mergulhadas no pânico que provocou a desagregação total das famílias e sua fuga para outros locais, procurando sítios mais seguros;

2ª Lançou uma campanha de mobilização pacífica e psicossocial a nível de todos os sobados da região do Cuchi e Cuvango, no sentido de obrigar as populações de cada área a denunciar o paradeiro e esconderijo de Tyihwaku, premiando os autores.

Segundo Paulo Kassanga (2015) para o contexto político e militar criado pela pressão imposta pelo exercito português e sentindo-se inseguro nas terras de Cuchi, Tyihwaku decidiu abandoná-las e dirigiu-se para as áreas do Norte da sede do Município do Cuvango, cujos sobados, na sua maioria, já haviam recebido ordens de denúncia e sua captura, com a promessa de valiosas recompensas por parte do governo português. As promessas do oficial militar português surtiram efeitos positivos na medida em que dois dos sobados do Norte, que distavam cerca de 70Km da sede do Cuvango traiçoeiramente prenderam finalmente o grande herói de resistência dos Ovanganguelas. O mwene Tyihwaku, foi preso, no sobado de Kativa, cujo soba era Mbandwa, em estreita colaboração com o outro soba vizinho que era o Lyambezi. Foi este último que enviou a notícia da captura a Artur de Paiva, através de dois mensageiros.

O ilustre prisioneiro com as mãos barbaramente amarradas atrás das costas, foi então mandado buscar, sendo escoltado por homens armados dando entrada no Forte Amélia com as insígnias da realeza portuguesa (Paulo Kassanga, 2015- Pg. 70).

Uma vez preso, Tyihwaku foi depois deportado pelas autoridades portuguesas para Cabo Verde. Conta-se que se atirou ao mar na viagem para as ilhas cabo-verdianas. Um ano mais tarde, as autoridades portuguesas procederam à captura de um seu

irmão mais novo de nome Kambwandi, também deportado para o mesmo destino Cabo Verde (Kassanga, 2015, p. - 71).

Com este cenário, a captura de Mwene Tyihwaku, estava-se perante o desfecho do conflito armado entre a autoridade local (Cuvango) e a autoridade política, religiosa e militar portuguesa. Como se pode perceber com a captura de Mwene Tyihwaku o contexto político e militar alterou-se profundamente provocando um novo quadro político-administrativo da região. Politicamente, o poder tradicional ficou submisso ao poder europeu, isto é, os sobados passaram a receber ordens coloniais; e em termos administrativos, a região passou a ser controlada pelas autoridades administrativas europeias, por alguns chefes militares, em comissão de serviço, e finalmente por alguns missionários europeus que exerciam as suas actividades religiosas na região. Em suma, a captura de Tyihwaku significou o término do período pré-colonial e o início da época colonial nas terras dos Ovanganguela no Cuvango e dos Ovambuela no Kwando Kubango. (Kassanga, 2015, PP.70 - 71).

Por saberem que os seus ancestrais são os que terão traído aquele (rei Tyihwaku) que lutava para defender não só o povo do Cuvango, então o povo de Kassinga até aos dias de hoje sentem-se traidores porque é através deles e em colaboração com a Cubal, que os colonizadores portugueses conseguiram descobrir o segredo do Tyihwaku. Só depois de saberem que estavam a ser enganados pelos portugueses porque a partir daquela derrota do Tyihwaku, verificou-se a ocupação efectiva do território, os maus tractos da população sobretudo daqueles que eram descobertos como aliados directo do herói, não se valorizava nada do povo indígena desde a sua cultura, tradição quer dizer que eram limitados em tudo, submetendo-se totalmente aos portugueses. Com a derrota do Tyihwaku no Cuvango, já não houve mais impedimento algum até que os portugueses atingiram o Cuchi e Menongue, na altura os de Menongue pagavam impostos no Cuvango antes da colonização. Uma vez já capturado, o grande líder dos Ovanganguela o seu povo ficou desestabilizado e bem dominado. Professor reformado, Bartolomeu Kambinda, entrevistado no dia 20 de Setembro de 2021 09 horas no Cuvango.

### **2.3.3.3 – As Consequências da Derrota;**

A segunda batalha de Kavamba foi uma batalha decisiva, visto que o destino da região do Cuvango acabou por ser determinado pelo resultado final desta batalha. O governo central de Portugal havia orientado o Governador-Geral de Angola para confiar a Artur de Paiva o encargo de submeter a região sublevada, no conceito colonial de analisar a situação política e militar na região. Derrotada a resistência, Artur de Paiva construiu o forte “Princesa Amélia” no mesmo local, e criou a Capitania-mor dos Ovanganguelas e Ambwelas, para manter as populações nativas submissas à sombra da bandeira portuguesa. Kassanga (2015, pg. – 68)

Repetimos, para cumprir a ordem dada, o capitão organizou uma expedição militar na Humpata a 19 de Agosto de 1889, que marchou para o Cuvango para reprimir a região dos Ovanganguela. A refrega entre as tropas de Tyihwaku e de Artur de Paiva foi no dia 28 de Agosto do referido ano, 1889. Kassanga (2015, pg. – 66)

Segundo Kassanga (2015, pg. – 69) com a derrota de Mwene Tyihwaku tinha assim começado a ocupação efectiva da região dos Ovanganguelas e Ambwelas por Portugal tendo como consequências as seguintes:

- 1<sup>a</sup> Dispersão forçada dos habitantes da aldeia da Tyihwaku que deixaram os seus haveres e abandonaram os corpos dos seus entes-queridos tombados no campo de batalha;
- 2<sup>a</sup> Fortalecimento do poder político dos europeus em detrimento do poder político tradicional na região do Cuvango;
- 3<sup>a</sup> Implantação de primeiros núcleos de colonização europeia, com reforço do povoamento europeu na região conquistada e a sua gradual expansão para outras localidades;
- 4<sup>a</sup> Priorização dos interesses dos portugueses em detrimento dos interesses dos nativos.

Em forma de fecho desta abordagem importa destacar que a ocupação de Angola actual resulta de uma acção política, religiosa e particularmente de uma acção militar que visou a subjugação das autoridades angolanas. No caso específico da região do Cuvango, onde se destacou a figura política do Mwene Tyihwaku para a subjugação

definitivas dos povos com as suas respectivas autoridades foram necessárias duas batalhas militares antecedida por uma dinâmica comercial e religiosa dos portugueses na região.

## **CONCLUSÕES E SUGESTÕES**

## CONCLUSÕES

Com base o desenvolvimento levado a cabo neste trabalho sobre a investigação feita, chegamos a seguintes conclusões:

No cômputo geral os povos de Angola ofereceram uma oposição as intenções políticas e militares dos europeus, particularmente as dos portugueses. A prova disto são às inúmeras resistências de varia índole, como as resistências culturais, políticas e militares impostas aos portugueses.

A conquista e ocupação efectiva do território do Cuvango teve as suas especificidades já que para além dos factores gerais de desentendimento entre as autoridades africanas (angolanas) com as autoridades europeias (portuguesas), no Cuvango os pontos de discórdia tiveram no centro uma figura religiosa (Ernest Lecomte) e uma autoridade politica, o Mwene Tyihwaku que acabaram por provocar uma investida militar dos portugueses na região a fim de derrotarem o resistência local personificada pelo Mwene Tyihwaku.

A captura do Mwene Tyihwaku pôs fim a resistência militar dos autóctones na região do Cuvango e como consequência alterou a correlação de forças na região. Politicamente, o poder tradicional ficou submisso ao poder europeu, isto é, os sobados passaram a receber ordens dos colonos; Em suma, a captura de Tyihwaku significou o término do período pré-colonial e o início da época colonial nas terras dos Ovanganguela no Cuvango e dos Ovambuela no Kuando Kubango.

## **SUGESTÕES**

Com base nas conclusões deste trabalho passamos a apresentar as sugestões que se seguem:

Dada a importância da temática resistência dos povos de Angola para a compreensão da história geral de Angola e das histórias locais impõe-se a sistematização e divulgação de conteúdos temáticos como este que resulto desta investigação.

O estudo e compreensão das razões da derrota do Mwene Tyihwaku que consistiram na falta de união entre as autoridades africanas locais, a traição de algumas autoridades, a inveja, a intriga e a falta de uma visão integradora das autoridades na região do Cuvango podem ajudar a perceber e delinear estratégias adequadas para a defesa e salvaguarda da integridade política e territorial do país na actualidade.

Com este tema, deseja-se que a comunidade de Cuvango e não só, tenha uma noção clara sobre o contributo do Mwene Tyiwaku na luta de resistência contra a ocupação colonial portuguesa em Angola e especificamente na região do Cuvango.

## **BIBLIOGRAFIA**

## **BIBLIOGRAFIA**

Revista Visão (2011). Angola 1961, o começo da Guerra Colonial. [S.l.: s.n.];

AJAYI, J. F. ADE (2010). História Geral da África. África do século XIX à década de 1880. VI;

### ANGOLA E A RESISTÊNCIA COLONIAL

LAKATOS, EVA MARIA. MARCONI, MARINA DE ANDRADE (2014). Metodologia Científica. 6ª Ed. SP: Atlas S.A.-.

MARCONI M. & LAKATOS E. (2011) Metodologia Científica, 5ª Edição, Atlas, São Paulo.

Os 40 anos de África e o “Mundo Cultural dos Ovanganguela.

Palavra típica da cultura Ovanganguela referindo-se a mulher que faz o efiko

KASSANGA PAULO (2015), A resistência anticolonial no Cuvango. Luanda: Execução gráfica.

LOPES, JÚLIO MENDES & CAPUMBA, PEDRO ALMEIDA (2014). Manual de História da 11ª classe. Luanda: Texto Editores.

SEBENTA SOBRE A TRADIÇÃO ORAL DO 4º ANO DE HISTÓRIA (2020-2021).

CAMACHO, ALFREDO & TAVARES, ANTÓNIO (2014). O nosso dicionário. Luanda: Platano Editora.

Dicionário da Língua portuguesa (2013). Porto: Porto Editora.

FERNANDES, JOÃO (2000). História – ensino de base 4ª classe. Luanda: Artes gráficas.

Fontes orais: Populares da região do Cuvango.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_de\\_Independ%C3%Aancia\\_de\\_Angola](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Independ%C3%Aancia_de_Angola).

## **ANEXOS**

**Anexo 1-** Inquérito por entrevista aplicado na comunidade Vangangela.



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ISCED-  
HUÍLA/MATALA**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SECÇÃO DE HISTÓRIA**

**INQUÉRITO POR ENTREVISTA**

Eu **Paulo Suco**, estudante finalista do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED-Huíla), do curso de ENSINO DA HISTÓRIA, faço esta pesquisa científica com o tema: Acções do mwene (rei) Tyihwaku, na luta de resistência anti-colonial (1886/1889). Um estudo de caso no Município de Cuvango. Venho por intermédio desta entrevista, de modo a obter informações a cerca do tema a cima referido para o nosso trabalho de monografia que nos resultará do grau de licenciatura. Para tal, elaboramos algumas questões que nos servirão de base.

**QUESTÕES**

- 1 – O que é que se sabe sobre o reino de Katoko?
- 6 – Quem foi o rei Tyihwaku e o que é que ele fez?
- 7 – O que é que se sabe sobre a presença dos portugueses e o que fizeram?
- 8 – Guerras de resistência contra os portugueses.
- 9 – Causas da derrota do rei.
- 10 – Situação do povo do Cuvango depois da derrota do rei.

**Anexo 2- Monumento histórico em homenagem ao Pe. Ernest Lecomte**



Mulemba plantada pelo rei Tyihwaku.

